

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Arthur Rafael Feliciano Mendes

**A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES DO
EXÉRCITO BRASILEIRO**

**Resende
2020**

Arthur Rafael Feliciano Mendes

**A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES DO
EXÉRCITO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: Tenente-Coronel Guilherme Guimarães Ferreira

Resende
2020

Arthur Rafael Feliciano Mendes

**A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES DO
EXÉRCITO BRASILEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Aprovado em ____ de _____ de 2020:

Banca examinadora:

Guilherme Guimarães Ferreira, Tenente-Coronel
(Presidente/Orientador)

Marcelo Teixeira Salles, Major

Eduardo Roberto Merlim De Souza, 1º Tenente

Resende
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado todos os dias e me dado força para superar todos os obstáculos de minha vida e foco para fazê-los da melhor forma possível.

Agradeço à minha família pelo o apoio, paciência e dedicação, pois a pessoa que sou hoje é fruto de seu trabalho.

Agradeço aos amigos, grandes camaradas e irmãos, com quem tive a felicidade de conhecer e ombrear durante toda essa longa formação.

Por fim, agradeço ao meu orientador e aos demais militares que muito me ajudaram na conclusão deste trabalho. Grandes pessoas, vocacionadas e detentoras de vasto conhecimento sobre o assunto, que contribuem diariamente na evolução de nosso Exército.

Serei eternamente grato a todos pelo apoio durante essa caminhada para a realização do sonho de me formar na Academia Militar das Agulhas Negras.

RESUMO

A NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES DO EXÉRCITO BRASILEIRO

AUTOR: Arthur Rafael Feliciano Mendes

ORIENTADOR: TC Art Guilherme Guimarães Ferreira

O presente trabalho científico faz um levantamento sobre a doutrina brasileira de caçadores, bem como a formação nos diversos estágios setoriais transcorridos em todo país, comparando com as escolas estrangeiras e a maneira como são formados. O foco da pesquisa é, mediante esta comparação entre países, apresentar os argumentos que justificam a importância da criação da Escola de Caçadores no Exército Brasileiro, além dos fatores que limitam e impedem a consolidação desse objetivo. São tratados também, propostas de aproveitamento de experiências e aprendizados decorrentes de missões no exterior, ideias estas que podem somar na correta transmissão da doutrina vigente, além de potencializar a didática e o desempenho dos instruídos, aumentando o nível de nossa formação. Para a elaboração deste trabalho foram utilizados manuais produzidos pelo Exército Brasileiro, manuais estrangeiros, livros, artigos científicos diversos, relatórios de conclusão de curso e entrevistas com especialistas no assunto, buscando, dessa forma, um estudo amplo e contextualizado sobre a necessidade da criação da Escola de Caçadores.

Palavras-chave: Escola de Caçadores. Caçador. Doutrina. Formação.

ABSTRACT

THE NEED FOR FOUNDATION OF BRAZILIAN ARMY SNIPER SCHOOL

AUTHOR: Arthur Rafael Feliciano Mendes

ADVISOR: TC Art Guilherme Guimarães Ferreira

The present scientific work makes a survey on the Brazilian doctrine of snipers, as well as the training in the various sectoral stages that took place across the country, comparing with foreign schools and the way they are trained. The focus of the research is, through this comparison between countries, to present the arguments that justify the importance of the foundation of the Brazilian Army Sniper School, in addition to the factors that limit and prevent the consolidation of this goal. Also being treated, proposals for the achievement of experiences and learning resulting from missions abroad, ideas that can add up to the correct transmission of the current doctrine, in addition to enhancing the didactics and the performance of the students, increasing the level of our training. On the making of this work, manuals produced by the Brazilian Army, foreign manuals, books, various scientific articles, theses and interviews with authorities on the subject were used, thus seeking a broad and contextualized study on the need for creation of the Sniper School.

Keywords: Sniper School. Sniper. Doctrine. Formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Constituição da Tu Caçd em uma unidade de Infantaria	1
Figura 2 – Conjuntos do Fuzil .308 IMBEL – AGLC.....	1
Figura 3 – Da esquerda para direita: Leupold Mark 4 LR/T 10x40mm, retículo Mil Dot.....	1
Figura 4 – Da esquerda para direita: luneta de observação, binóculo, telêmetro, óculos de visão noturna.....	1
Figura 5 – Munição Lapua .308 Winchester	1
Figura 6 – Da esquerda para direita: Anemômetro Kestrel 5700X e computador balístico Nomad 1050	1
Figura 7 - Diferentes ambientes e camuflagens.....	1
Figura 8 - Fuzil de precisão IMBEL 308 AGLC.....	1
Figura 9 – M2010 Sniper Weapon System.....	1
Figura 10 – Mira térmica MEPRO NOA NYX.....	1
Figura 11 – Sistema de armamento TAP.....	1

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
BFEsp	Batalhão de Forças Especiais
Caçd	Caçador
Cel	Coronel
Ch	Chefe
Cia Prec Pqdt	Companhia de Precursores Paraquedistas
CIATE	Compañía de Instrucción Avanzada de Tiro Del Ejército
CIOpEsp	Centro de Instrução de Operações Especiais
Cmt	Comandante
C Mil A	Comandos Militares de Área
Dep	Depósito
EB	Exército Brasileiro
EME	Estado Maior do Exército
Eq	Equipe
Eqp	Equipamento
Ini	Inimigo
Maj	Major
MOA	Minuto de ângulo
Mot	Motorista
Msl	Míssil
OM	Organização Militar
PP	Programa-Padrão
QE	Quadros de Efetivos
QO	Quadros de Organização
REI	Regimento Escola de Infantaria
Sgt	Sargento
Sup	Suprimento
TAP	<i>Tirador de Alta Precisión</i>
TEPAM	<i>Tirador de Plataformas Aéreas y Móviles</i>
Tu	Turma

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS.....	13
1.1.1	Objetivo geral	13
1.1.2	Objetivos específicos	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	15
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	15
3.2	MÉTODOS.....	15
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1	HISTÓRICO.....	16
4.1.1	Origem do termo sniper	16
4.1.2	As primeiras escolas no mundo	17
4.1.2.1	Treinamento de caçadores alemães.....	17
4.1.2.2	Treinamento de caçadores britânicos.....	18
4.1.2.3	Treinamento de caçadores norte-americanos.....	18
4.1.2.4	Treinamento de caçadores soviéticos.....	19
4.1.2.5	Treinamento de caçadores Colombianos.....	20
4.1.3	Os caçadores em batalhas campais	21
4.1.3.1	Guerra de Inverno.....	21
4.1.3.2	Guerra do Vietnã.....	21
4.1.4	O sniper urbano	23
4.1.5	Emprego de caçadores brasileiros	23
4.1.5.1	Participação de caçadores na MINUSTAH.....	23
4.1.5.2	O atirador designado dentro do batalhão de infantaria.....	24
4.2	DOCTRINA BRASILEIRA VIGENTE.....	25
4.2.1	O Caçador	25
4.2.1.1	Missão.....	26
4.2.1.2	Emprego do Caçador segundo a doutrina vigente.....	26
4.2.2	Armamento e equipamento	28
4.2.2.1	Sistema de armamento.....	28

4.2.2.1.1	<i>Fuzil</i>	28
4.2.2.1.2	<i>Sistema de pontaria</i>	29
4.2.2.2	Equipamentos óticos e oprônicos.....	30
4.2.2.3	Munição.....	31
4.2.2.4	Equipamento adicional	32
4.2.2.5	Fardamento.....	33
4.2.3	Sistema de armamento do Exército Brasileiro	34
4.3	A FORMAÇÃO DOS CAÇADORES NO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	35
4.3.1	O Projeto Caçador	35
4.3.2	Processo de seleção	37
4.3.3	Instruções ministradas	38
4.4	A FORMAÇÃO DOS CAÇADORES EM OUTROS EXÉRCITOS.....	38
4.4.1	United States Army Sniper School	38
4.4.1.1	U.S. Army Sniper Course.....	39
4.4.1.1.1	<i>Seleção</i>	39
4.4.1.1.2	<i>Rotina</i>	39
4.4.1.1.3	<i>Instruções</i>	40
4.4.1.1.4	<i>Sistema de armamento</i>	42
4.4.1.1.5	<i>Considerações gerais</i>	42
4.4.2	Escuela de Tiro do Centro Nacional de Entrenamiento	43
4.4.2.1	Curso de Tirador de Alta Precisión.....	44
4.4.2.1.1	<i>Seleção</i>	44
4.4.2.1.2	<i>Rotina</i>	45
4.4.2.1.3	<i>Instruções</i>	46
4.4.2.1.4	<i>Sistema de armamento</i>	51
4.4.2.1.5	<i>Considerações gerais</i>	52
4.5	VANTAGENS E LIMITAÇÕES DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES.....	53
4.5.1	Cenário atual da formação de caçadores	53
4.5.2	Problemas gerais	54
4.5.3	Problemas na formação	55
4.5.4	Vantagens da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro	57

5	CONCLUSÃO.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61
	APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM TENENTE-CORONEL	
	FERREIRA 20/05/2020.....	64
	ANEXO 1 – TABELA DE GASTOS DO TAP.....	67

1 INTRODUÇÃO

Com o advento e evolução das armas de fogo, houve uma verdadeira revolução nas táticas de guerra e a forma de se combater. O confronto corpo-a-corpo agora abria espaço para o combate a distância, deixando para trás o gládio e as legiões e chegando assim aos modernos fuzis de assalto e a guerra assimétrica.

Dentro do contexto de desenvolvimento de armas e doutrinas de combate, os primeiros relatos de mortes a longa distância apontam para a Guerra de Independência Americana (1775-1783), onde o atirador Timothy Murphy eliminou o general britânico Simon Fraser durante a batalha de Saratoga, fato determinante para a vitória americana no conflito. Além disso, um dos casos mais célebres foi o do Irlandês Thomas Plunket durante as Guerras Napoleônicas (1795-1809). Estima-se que atingiu um general francês à 600 metros de sua posição, progredindo sozinho em direção aos franceses.

No entanto foi na Primeira Guerra Mundial que os atiradores de elite se consolidaram como parte de exércitos modernos, recebendo treinamento e equipamentos específicos como rifles raiados e lunetas telescópicas, sendo os alemães os primeiros a se destacarem no uso militar de atiradores de precisão. Contudo, logo outros países também inovaram e aprimoraram suas doutrinas, dando início a fundação das primeiras escolas de atiradores.

Atualmente os “snipers”, ou caçadores como são conhecidos no Brasil, são peças chaves em operações militares. Devido à sua versatilidade, são capazes de realizar missões de levantamento de informações de inteligência, atuar como observador avançado, prestar apoio de fogo e causar baixas ao inimigo, reduzindo sua velocidade de progressão, baixando a moral e provocando confusão. Sua letalidade é tamanha que a simples presença de atiradores no campo de batalha pode imobilizar unidades inteiras.

A história é repleta de casos bem-sucedidos sobre emprego de caçadores, de forma que muitas nações puderam multiplicar seu poder de combate através da formação e emprego correto dessa classe de atiradores de precisão, ao passo que, outras nações se colocaram em desvantagem e até mesmo foram derrotadas, por negligenciarem essa ferramenta dentro de suas frações.

Esta pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento sobre a doutrina brasileira e analisar a formação vigente, relacionando com a formação de outros exércitos e suas escolas de caçadores. Dessa forma, apresentar as vantagens e limitações da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a necessidade da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro.

1.1.2 Objetivos específicos

- Apresentar a evolução histórica dos caçadores e das escolas de formação;
- Apontar casos de emprego bem-sucedido durante a história;
- Fazer um levantamento sobre a doutrina brasileira e analisar a formação vigente;
- Analisar como outros exércitos formam caçadores;
- Apresentar as vantagens e limitações da criação da Escola de Caçadores;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a elaboração do trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Grande parte dos conhecimentos e argumentos apresentados no trabalho vieram por meio de pesquisas bibliográficas, tomando por base manuais do Exército Brasileiro, relatórios de conclusão de cursos no exterior e artigos de opinião sobre o tema. Contudo, esses dados não se mostraram suficientes para uma completa análise do assunto, dessa forma, somou-se às fontes de pesquisa uma entrevista realizada com Guilherme Guimarães Ferreira, de forma que as respostas colhidas vieram a se somar às fontes bibliográficas e servirá como fonte de pesquisa futura.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para a elaboração do trabalho foi realizado uma pesquisa de natureza qualitativa, através da utilização de bibliografia de autores de reconhecimento acadêmico, entrevistas com especialistas no assunto, manuais militares de outras nações e manuais do Exército Brasileiro.

3.2 MÉTODOS

Além de livros, artigos e manuais, foi levado em consideração relatórios de conclusão de curso no exterior e relatórios de seminários de reestruturação da formação de caçadores. Somando-se a essas fontes de pesquisa, buscou-se também conhecimento através opiniões, orientações e entrevistas com diversos militares envolvidos com a formação de caçadores atualmente, de forma que todas essas informações foram compiladas e apresentadas na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é dedicado à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa. Através de um roteiro lógico, a apresentação dos resultados visa criar uma linha de raciocínio partindo de um breve histórico, levando-a até o objetivo final, que se trata da apresentação das vantagens e limitações da criação da Escola de Caçadores. O trabalho irá abordar a origem dos caçadores, doutrina brasileira vigente e a atual formação, fazendo um paralelo com escolas estrangeiras, bem como sua formação. Dessa forma, trará subsídios para a constatação da necessidade da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro para a correta disseminação da doutrina.

4.1 HISTÓRICO

4.1.1 Origem do termo sniper

O termo sniper surgiu inicialmente no século XIX, junto ao Exército Inglês estacionado na Índia, país onde a caça do pássaro snipe, conhecido em nosso país como maçarico, era uma prática muito popular entre os oficiais. O snipe, por ser um pássaro pequeno e bastante ágil, era um alvo extremamente difícil de se atingir, mesmo quando ele estava caminhando no chão à procura de alimento. Conta a lenda que, quando os soldados ingleses treinavam em seus estandes de tiro, inúmeros pássaros passeavam ao fundo. Assim, após treinar em seus alvos de papel, os soldados passavam a testar sua destreza nos rápidos snipes. Aquele que conseguia a “proeza” recebia o título de “sniper”. Com o tempo, o termo sniper começou a tomar o significado daquele atirador cuja habilidade de tiro e a proficiência na arte de caçar o fazia se destacar entre os demais (LELIS, 2018, p. 1).

No Brasil, os três primeiros Batalhões de Caçadores foram criados pelo Decreto de 13 de outubro de 1822, que determinou que os três Batalhões de Fuzileiros da Guarnição da Corte assim passassem a denominar-se. Iniciava o Decreto: “Mostrando a experiência que as Tropas Ligeiras são as mais análogas ao local, e systema de defesa desta Província[...]” Esse tipo de tropa foi bastante usado no país, devido o Brasil não possuir potenciais inimigos externos; sendo as forças armadas empregadas principalmente em operações de defesa interna.

Com a Segunda Guerra Mundial as unidades de caçadores foram todas transformadas em unidades de infantaria; permanecendo a designação apenas na tradição de alguns batalhões. Hoje o termo caçador passou a denominar o combatente especialista em tiro de precisão do Exército Brasileiro, sendo que, os batalhões de caçadores, exceto pelo nome, não tem nenhuma ligação com os atuais caçadores (BRASIL, 2006, p. 1-1).

Atualmente existem basicamente dois tipos de caçadores, os de operações especiais, formados em cursos de operações especiais, conduzidos pelo Centro de Instrução de Operações Especiais (CIOpEsp) e Companhia de Precursores Paraquedistas (Cia Prec Pqdt), ou os caçadores de corpo de tropa, formados em Unidades de Infantaria por meio de estágios setoriais sediados nos diversos Comandos Militares de Área (C Mil A).

4.1.2 As primeiras escolas no mundo

A presença de atiradores de precisão nos campos de batalha veio crescendo junto ao passo que novos armamentos e equipamentos vinham surgindo nestes conflitos. Até o século XX existiram inúmeros relatos de atiradores, dotados de fuzis e técnicas que os distinguiam das demais tropas, especialistas em camuflagem e tiros de precisão. De forma que, o reconhecimento de seu potencial e a busca por se formar e ampliar o emprego destes combatentes se tornou uma realidade durante a Primeira Guerra Mundial.

A partir do momento que se criou uma guerra de atrito entre os Aliados e os países dos impérios centrais, os exércitos ficavam diante um do outro em linhas de trincheiras que se estendiam do Mar do Norte até a fronteira suíça e entre eles existia uma faixa de terreno, estéril e totalmente batido por fogos, a chamada “Terra de Ninguém”.

Diante dessa realidade, “Ao lado do temor constante do fogo letal da artilharia e do gás venenoso, o espectro do sniper consumia a psique do soldado de infantaria (HASKEW, 2016, p. 33).

4.1.2.1 Treinamento de caçadores alemães

Os alemães foram os primeiros a se destacar nessa atividade, pois seus primeiros efetivos eram compostos por caçadores com anos de prática ou guardas das grandes propriedades da aristocracia do país, previamente treinados para desempenhar a função de caçadores durante a Guerra. Antes mesmo da Primeira Guerra Mundial os batalhões alemães já

empregavam em suas companhias uma seção que possuía 24 caçadores, que em geral recebiam o fuzil Mauser de ferrolho e miras telescópicas Zeiss, com ampliação de 3 ou mais vezes, uma grande novidade na época.

Na Alemanha, as *Waffen-SS* criaram um programa de treinamento de atiradores de elite a pedido de seu comandante, abrindo uma escola de tiro em Zossen, em que houve numerosos programas como esse nas unidades de campanha da *Luftwaffe* e do exército regular do Terceiro Reich (HASKEW, 2016, p. 54). Este se caracterizou como o evento precursor da formação de caçadores na Alemanha.

4.1.2.2 Treinamento de caçadores britânicos

Durante a Primeira Guerra Mundial, os britânicos também obtiveram sucesso no emprego de caçadores, de onde agregaram muita experiência que contribuiria posteriormente para a criação de sua primeira Escola de Caçadores.

Os Lovat Scouts [Batedores de Lovat], unidade de batedores com duzentos homens em suas fileiras, muitos deles *ghillie*, ou seja, caçadores e guarda-caças escoceses experientes, dirigiram boa parte da formação inicial do corpo britânico de snipers. Pioneiros da moderna técnica de observação, os Lovat Scouts enfatizavam os elementos da furtividade, dos quais a camuflagem era componente importante. Eles adotaram o traje *ghillie*, uma túnica comprida com capuz ou véu ao qual prendiam folhas e galhos para disfarçar, empregada nas propriedades das terras altas da Escócia para perseguir a caça e prender caçadores ilegais. O major E. M. Crum também deu contribuição significativa ao treinamento inicial de atiradores britânicos (HASKEW, 2016, p. 38).

Criou-se assim uma corrida no desenvolvimento e treinamento dos caçadores em vários dos países beligerantes. Em 1940, os britânicos criaram sua primeira escola de tiro de precisão em Bisley e, logo em seguida, outras escolas em que os Lovat Scouts realizaram boa parte do treinamento dos atiradores britânicos.

4.1.2.3 Treinamento de caçadores norte-americanos

Até a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, praticamente não houve nenhum treinamento de tiro de precisão no Exército Americano. Segundo a Army Sniper Association (2020), a Guerra da Coreia, ocorrida entre 1950 e 1953 impulsionou novamente a formação de

caçadores, dessa forma, em 1955, a Army Marksmanship Training Unit criou a primeira Escola de Atiradores do Exército dos EUA em Camp Perry, Ohio. Infelizmente, a falta de entendimento e baixa eficácia dos caçadores fizeram com que o treinamento de atiradores de elite fosse abandonado após curto período de treinamento.

Foi apenas na Guerra do Vietnã que os americanos finalmente entenderam totalmente o potencial do sniper, graças principalmente ao trabalho do Major Edward James Land Jr. juntamente com o Major Richard O. Culver Jr, criaram no Havaí a primeira escola de snipers do Exército dos EUA, em 1960. (DINIZ, 2005)

Neste mesmo conflito, em julho de 1968, o Exército dos EUA iniciou o treinamento centralizado no país. O curso, conduzido pelo major Willis Powell, durou 18 dias, com uma taxa de reprovação de 50%. Em dezembro de 1968, um conjunto completo de setenta e dois caçadores estava pronto para a ação.

Posteriormente os Fuzileiros Navais dos Estados Unidos criaram sua escola em Quantico, Virgínia. A “Marine Corps Scout Sniper School” foi estabelecida em 1977 e, pela primeira vez, os caçadores passaram a ser treinados integralmente em tempos de paz. Criando assim manuais para estabelecer uma base doutrinária, passando a incluir os caçadores no MOS (Military Occupational Specialty), o equivalente ao nosso QCP (Quadro de Cargos Previstos).

Posteriormente, foi criada a Escola de Sniper do Exército dos EUA em 1987, no Centro de Infantaria de Fort Benning, que perdura até os dias de hoje, refletindo no mais longo e completo curso de treinamento de atiradores de elite de seu exército.

4.1.2.4 Treinamento de caçadores soviéticos

“De todas as Forças Armadas do mundo, o Exército Vermelho foi o que manteve o maior grau de treinamento e preparo de snipers entre as guerras mundiais” (HASKEW, 2016, p.33). Isso se deu, em parte, devido à experiência adquirida com o assessoramento de militares soviéticos às Forças Republicanas durante a Guerra Civil Espanhola, e também, fruto do aprendizado das pesadas baixas sofridas contra os finlandeses na Guerra de Inverno, no qual se estima que o Exército Vermelho perdeu cerca de um milhão de homens contra apenas 27 mil baixas finlandesas. O sucesso dos defensores foi fruto da rápida movimentação por esquís, técnicas de guerrilha e principalmente o largo emprego de caçadores especializados ao clima e terreno nevado e montanhoso.

Sendo assim, em 1924, o Exército Vermelho já havia criado várias escolas de tiro para treinar seus militares e, em 1938, afirmavam que seis milhões de soldados tinham recebido treinamento. Contudo, esses fuzileiros recebiam apenas um treinamento diferenciado, longe de todos os requisitos de um caçador, seria o equivalente ao nosso atirador designado.

De qualquer forma, desde 1924 os russos empregavam tanto homens, compondo as unidades de Infantaria, quanto mulheres, pertencentes à reserva do alto-comando, ambos formados em escolas descentralizadas chamadas de Escolas Divisionárias. Dessa forma, até o final da Segunda Guerra Mundial, haviam previstos dezoito caçadores por batalhão ou dois por pelotão de infantaria (HASKEW, 2016, p. 81).

4.1.2.5 Treinamento de caçadores Colombianos

No ano de 1969 foi criada a *Compañía de Instrucción Avanzada de Tiro Del Ejército* (CIATE), constituída inicialmente por atiradores desportivos apenas. Dessa forma, até a década de 80, o Exército Colombiano não possuía doutrina de emprego de caçadores, período esse marcado pela crescente instabilidade política e fortalecimento de guerrilhas narcoterroristas como as Farc, ELN e M-19.

O combate à forças irregulares ocorre até os dias de hoje, sendo essa a principal justificativa para o amplo emprego de caçadores no Exército Colombiano, tendo em vista que, diante dessa situação, observou-se a necessidade da criação de uma doutrina e formação de militares especializados em tiros de precisão a longas distâncias e baixo dano colateral (ALBUQUERQUE, 2013).

Inicialmente, o Exército Colombiano tentou transformar seus melhores atiradores desportivos em caçadores, obtendo resultados inexpressivos devido à falta de treinamento tático específico. Consequentemente, o general Jorge Henrique Mora colocou em prática um treinamento especial para cerca de 250 militares pré-selecionados, que anos mais tarde participaram da fundação da *Escuela de Tiro do Centro Nacional de Entrenamiento*, sediada no Forte Tolemaida, culminando em 2002 no primeiro curso de *Tirador de Alta Precisión* (TAP) e posteriormente no curso de *Tirador de Plataformas Aéreas y Móviles* (TEPAM).

4.1.3 Os caçadores em batalhas campais

4.1.3.1 Guerra de Inverno

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 30 de novembro de 1939, os soviéticos invadiram a Finlândia com cerca de 300.000 combatentes fortemente armados. A tropa era composta por 28 Divisões de Infantaria, várias Brigadas Blindadas e 800 aviões soviéticos contra nove Divisões de Infantaria finlandesas.

Ainda assim, os finlandeses souberam utilizar muito bem o terreno a seu favor, aliando armamento adequado e amplo emprego de caçadores. Dessa forma, os soviéticos foram expulsos, perdendo grande quantidade de armamento e sofrendo mais de 100.000 baixas durante a “Guerra de Inverno”, sendo que 27.500 de seus efetivos foram mortos. Enquanto isto, os finlandeses perderam apenas 2.700 homens, entre mortos e feridos.

Foi neste contexto que se ressaltou a importância dos caçadores finlandeses. Esquiadores velozes, conhecedores do terreno, ótimos atiradores, hábeis na confecção de armadilhas e no rastreamento, estes homens tornaram-se importantes instrumentos no combate ao exército invasor.

Para avaliarmos o valor destes combatentes destacaremos dois nomes: Simo Häyhä e Suko Kolkka, que, armados com fuzis Mosin-Nagant M28 com miras metálicas simples, eliminaram 500 e 400 inimigos, respectivamente.

Conta-se que Suko Kolkka, certa vez, eliminou um caçador russo, que o perseguia, a uma distância de 600 m (BRASIL, 2006, p. 1-4).

Neste exemplo é ressaltado o custo benefício e o quão vantajoso é contar com caçadores adequadamente adestrados, de forma que apenas dois homens puderam infligir 900 baixas a um inimigo muito mais numeroso e bem armado, a um custo baixíssimo de treinamento e material.

4.1.3.2 Guerra do Vietnã

O Exército Americano trouxe consigo para este conflito o fuzil M14, uma versão melhorada da M1 Garand, mas o utilizou por um breve período de tempo, visto que, em 1956 passaram a empregar o AR-15 em calibre 5.56mm. Essa munição se mostrou inapropriada, pois foi desenvolvida para o combate urbano, tendo o alcance efetivo de 300m, além da dificuldade de transpor obstáculos simples, como a vegetação local. Consequentemente, em meio às dificuldades, os americanos voltaram-se para o M14 novamente, além de desenvolverem novas técnicas, táticas e testar diversos fuzis, munições e outros equipamentos.

Foi neste conflito que os americanos finalmente entenderam o potencial do sniper, graças principalmente ao trabalho do Major Jim Land, que criou no Havaí a primeira escola de snipers do Exército dos EUA, em 1960 (LELIS, 2018, p. 32), trazendo uma grande evolução no que diz respeito à formação de novos caçadores e de equipamentos como lunetas de visão noturna, além do início de uma nova doutrina de caçadores anti-material. Destacando-se o sargento Carlos N. Hathcock, o primeiro a acoplar uma luneta sobre uma metralhadora Browning .50, durante a Guerra do Vietnã.

Os snipers norte-americanos foram amplamente empregados também como elementos de inteligência em operações de inquietação e emboscadas, exercendo efeito psicológico extremamente eficiente sobre o inimigo, que sem treinamento adequado e sem armas similares, não tinham como se contrapor aos seus snipers.

Na Guerra do Vietnam, ficou particularmente famoso o sargento Carlos N. Hathcock II, com 93 inimigos abatidos, confirmados. Conta-se que, na região do Vale do Elefante, Hathcock e o seu *spotter* (observador), cabo John Burke, praticamente destruíram uma companhia de viets, mantendo-os engajados durante três dias, enquanto eram abatidos um a um. Na tarde do terceiro dia, pediram fogos de Artilharia que, conduzidos pelo sargento, eliminaram os inimigos remanescentes.

Em outra oportunidade, Hathcock teria rastejado cerca de 1200 m em campo aberto, em busca de uma posição de onde pudesse alvejar um determinado general do Vietnam do Norte. A missão foi cumprida com um tiro disparado a 700 m. O inimigo desencadeou uma operação contra-caçador que durou quatro dias e foi executada por inúmeras patrulhas, com cães e rastreadores. No entanto, Hathcock conseguiu retrair e retornar à sua base de combate. (BRASIL, 2006, p. 1-4)

Vê-se, dessa forma a possibilidade do caçador fazer o pedido e a condução de fogos de Artilharia, sua elevada capacidade de camuflagem, além de grande poder de fogo e o efeito psicológico devastador sobre o inimigo.

4.1.4 O sniper urbano

Embora o combate urbano não seja exclusividade dos conflitos modernos, é notório que há um crescente aumento no número de combates em regiões edificadas, muitas das vezes envolvendo agentes não estatais. Inseridos em áreas urbanizadas e descaracterizados no meio da população para dificultar sua localização, estes atores forçam às adaptações das técnicas, táticas e procedimentos em uso pelos exércitos, criando assim, um ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo (BRASIL, 2013).

Temos como exemplo histórico a Batalha de Stalingrado, uma guerra de resistência criada pelo cerco alemão à cidade que então pertencia aos russos, em que o uso de caçadores foi largamente empregado por ambos os lados. Local onde surgiram relatos de grandes batalhas entre caçadores, muitos destes sendo enviados com a missão específica de eliminar caçadores inimigos, destacando-se o relato da batalha entre o sargento russo Vassili Zaitsev e o major alemão Erwin König, caçadores experientes com cerca de 400 eliminações (DINIZ, 2005). Estas histórias levantam questionamentos sobre sua veracidade. Contudo, fica evidente a superioridade dessa tropa em cenários urbanos e na guerra de resistência, fazendo com que a melhor arma contra um caçador seja outro caçador.

Conflito similar ocorreu em Grozny, durante a Guerra da Chechênia e Bagdá, durante a Guerra do Iraque. Ambos conflitos envolveram grandes diferenças numéricas entre os exércitos que mesmo assim, mediante emprego de guerrilha e caçadores, prolongaram os conflitos e causaram grandes prejuízos aos atacantes.

4.1.5 Emprego de caçadores brasileiros

4.1.5.1 Participação de caçadores na MINUSTAH

A participação do Brasil na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi um grande sucesso. Dentro dos efetivos enviados se destacou o DOPaz (Destacamento de Operações de Paz), composto inicialmente por quatro oficiais e dezesseis praças, sendo todos Comandos ou Forças Especiais. Esse destacamento operou no auge dos confrontos entre as tropas da ONU e as gangues do Haiti.

Atuaram em missões como a grande operação preparada para desarticular uma importante gangue de Cité Soleil, a região mais violenta do país. Foi realizado uma operação

de busca de líder da facção criminosa ao passo que caçadores proviam segurança aos demais elementos da missão.

Um atirador de elite brasileiro, previamente posicionado sobre a laje de uma casa localizada em frente à favela, avista um haitiano que se prepara para disparar. Antecipando-se, acerta-o primeiro. Desde a criação da Minustah, em todas as operações, o Exército posiciona os atiradores de elite — chamados de “caçadores” — nos locais mais altos. Com uma visão privilegiada, eles podem advertir os companheiros que se encontram no chão ou eliminar inimigos. A tática já salvou a vida de muitos soldados no Haiti e nenhum comandante dá-se ao luxo de abrir mão dela. (STOCHERO, 2010, p. 27)

“Assombroso”, como ficou conhecido o SGT Marco Antônio, Caçador de Operações Especiais do 1º BF Esp, integrou a missão de Paz no Haiti em 2 contingentes, o primeiro em 2006 como caçador do DOPaz e posteriormente em 2010, como elemento da equipe de resgate atuando na ajuda às buscas das vítimas do terremoto que alastrou aquele país. Foram remetidas a ele mais de 30 eliminações com baixíssimo dano colateral durante as operações.

O sniper deve mentalizar sempre as vidas que ele estará preservando quando apertar o gatilho. O tiro que ele der vai resolver um problema, não fazer parte dele. A hora vai chegar e... pow. Certamente o mundo estará mais seguro. (STOCHERO, 2015, online).

4.1.5.2 O atirador designado dentro do Batalhão de Infantaria

Outro relato de emprego, não de caçador, mas de um atirador designado, ocorreu no ano de 1966 durante a operação de imposição da paz na cidade de São Domingos, capital da República Dominicana.

Alguns postos de vigia de um dos batalhões do Regimento Escola de Infantaria (REI) passaram a ser alvejados por um franco-atirador da guerrilha inimiga. Os disparos eram realizados de prédios altos a uma distância aproximada de 400m, contudo a área era habitada por civis e, portanto, não poderia ser utilizada artilharia ou qualquer armamento pesado.

Naquela época o Exército Brasileiro não dispunha de caçadores, entretanto, o sargento Nunes, da equipe de tiro do Exército, que havia levado consigo um FAL “customizado” e que não dispunha de luneta, com o qual disputava campeonatos de tiro.

O sargento recebeu a missão de neutralizar o franco atirador da guerrilha e, juntamente com um companheiro (observador), ocupou na madrugada seguinte uma posição da qual podia bater os prédios de onde provinham os tiros.

Os dois homens passaram a revezar-se na observação e Nunes aproveitou para fazer uma regulagem de seu fuzil, considerando a distância média das diversas janelas dos prédios. Usando como alvo um ponto nítido em uma parede clara, fez alguns disparos enquanto o observador identificava o traço da trajetória e o local dos impactos com uma luneta de observação. Terminado este trabalho, ficaram à espreita.

Ao cair da tarde, o guerrilheiro disparou de uma janela e a chama do disparo foi vista por Nunes, que imediatamente apontou seu fuzil para o local onde observara o clarão. O inimigo estava habituado a realizar vários disparos da mesma posição sem ser incomodado e novamente atirou. Mas desta vez recebeu o troco, pois Nunes disparou em cima do segundo clarão.

Em São Domingos os brasileiros não foram mais molestados por caçadores. (BRASIL, 2006, p. 1-4).

Sendo assim, fica evidenciado a importância de se formar pessoal especializado para a ações de caçador e contra-caçador, tendo em vista seu alcance superior ao da tropa convencional e por ser a melhor maneira de se combater igual ameaça. Ficando em clara desvantagem aqueles que entram em guerra sem contar com estes eficazes e relativamente baratos combatentes em seus efetivos.

4.2 DOCTRINA BRASILEIRA VIGENTE

4.2.1 O Caçador

No ano de 1998 o Estado Maior do Exército publicou a instrução provisória IP 21-2 O Caçador, tendo por finalidade proporcionar uma orientação doutrinária para o preparo e emprego do CAÇADOR (Caçd), tendo em vista a inclusão dessa função nos Quadros de Organização (QO) de Unidades de Infantaria (BRASIL, 1998). Definiu-se assim que:

O Caçd é um "sistema de armas" de extrema valia para às forças militares e órgãos de segurança civis, sendo de suma importância no atual cenário mundial eivado de conflitos regionais, terrorismo e violência urbana. No contexto do emprego da Força Terrestre o Caçd é um multiplicador de combate eficiente a disposição de um comandante. A filosofia para o emprego do Caçd pode ser traduzida pela seguinte frase: "Um tiro, uma baixa". (BRASIL, 1998, p. 1)

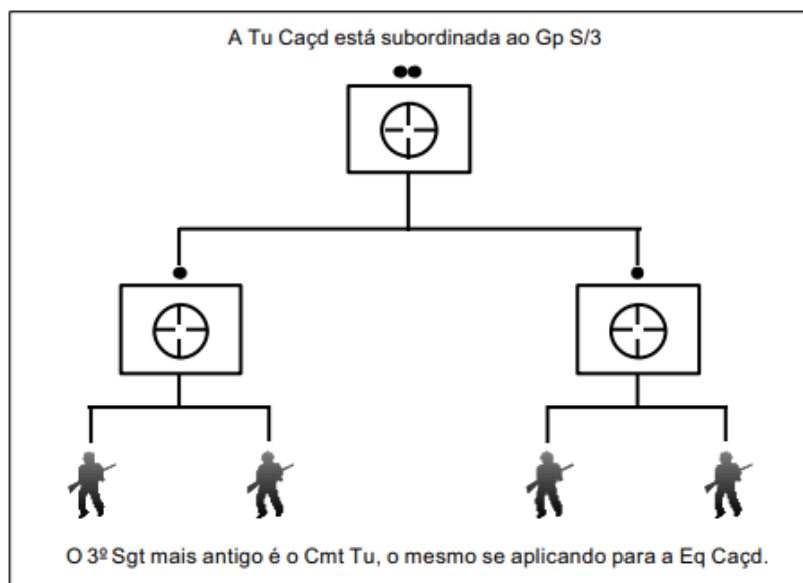
4.2.1.1 Missão

Segundo o manual Técnicas de Tiro do Caçador, Guilherme Guimarães Ferreira delimita as missões do caçador, tendo como missão principal “Executar tiros precisos, a longa distância, em alvos inimigos selecionados, sejam de oportunidade, sejam planejados [...]” (2003, p. 1-2), eliminando alvos escolhidos pela importância de suas funções e pela dificuldade de serem batidos por outros meios. Tendo também como missão secundária “Buscar informes sobre o inimigo e sobre o andamento do combate, relatando-os ao escalão superior, o mais breve possível [...]” (FERREIRA, 2003, p. 1-2). Buscando atingir efeitos desejados como causar baixas, retardar ou conter ataque inimigo, além de baixar o moral e instalar o medo nas forças oponentes.

4.2.1.2 Emprego do Caçador segundo a doutrina vigente

Mediante a publicação da instrução provisória IP 21-2, os Quadros de Efetivos do Quadro de Organização (QE/QO) passaram a prever nas Unidades de Infantaria uma Turma de Caçadores (Tu Caçd) composta por duas equipes (Eq Caçd), com dois caçadores (3º Sargento) por equipe, conforme a Figura a seguir:

Figura 1 – Constituição da Tu Caçd em uma unidade de Infantaria



Fonte: Brasil (1998)

Nossa doutrina atualmente prevê uma Turma de Caçadores no Quadro de Efetivos do Quadro de Organização das Unidades de Infantaria, fazendo parte do Grupo de S3. Essa turma é composta de duas Equipes de Caçadores que são constituídas por dois 3º Sargentos, sendo o mais antigo o comandante da Turma de Caçadores.

Todas as decisões relativas ao emprego tático da turma de caçadores ficam a cargo do comando da Unidade, podendo a turma ou parte dela serem empregados em ação de conjunto, apoio direto ou reforço. Contudo o mais empregado é o apoio direto a uma subunidade, devido ao pequeno efetivo da turma e alcance do armamento, ficando restrito a zona de atuação de uma companhia.

O oficial de operações é o responsável pelo adestramento dos caçadores e por assessorar o comandante de batalhão quanto seu emprego tático, servindo de elemento de ligação. Já o oficial de inteligência fica responsável por fornecer informações oportunas às turmas e demarcar áreas restritas no Plano de Fogos da Unidade. Restando ao comandante do pelotão de comando as funções em nível tático e administrativo, como expedir ordens para as equipes e providenciar toda parte administrativa do emprego da turma.

BRASIL (1998, p. 1-2) divide os caçadores como anti-pessoal ou anti-material, em consequência, principalmente, de seu armamento e munição.

a. Caçd Anti-pessoal (AP) - Possui a missão de neutralizar alvos, tais como:

- (1) Pessoal de armas coletiva;
- (2) Pessoal de Com;
- (3) Ch e Mot de CC;
- (4) Cmt de fração;
- (5) Observadores avançados;
- (6) Caçadores Ini.

b. Caçd Anti-material (AM) - Possui a missão de destruir ou tornar indisponível meios materiais, tais como:

- (1) Antenas;
- (2) Aeronaves e Embarcações;
- (3) Dep Sup (principalmente CI III e CI V);
- (4) Eqp de Com;
- (5) Lançadores de Msl;
- (6) Eqp de guerra eletrônica;
- (7) Sensores

4.2.2 Armamento e equipamento

Com a finalidade de cumprir suas missões específicas e manter seu poder de combate, o caçador deve dispor de equipamentos que permitam sua atuação sem o apoio logístico, uma vez que é empregado de forma descentralizada.

Segundo BRASIL (1998, p. 2-1) o caçador poderá valer-se de um sistema de armamento do Caçador, equipamentos óticos, munição, equipamento adicional, equipamento individual e fardamento, buscando sempre que os mesmos sejam mais leves e cômodos possível.

4.2.2.1 Sistema de Armamento

As características das missões do caçador demandam materiais específicos e peculiares. São equipamentos extremamente sofisticados, robustos e requerem cuidados específicos, podendo, suas capacidades, serem limitadas pelo seu armamento, equipamento e munição.

4.2.2.1.1 Fuzil

“Para cumprir sua missão principal, o fuzil do caçador deve possibilitar a execução de tiros precisos a longa distância.” (FERREIRA, 2003, p. 2-1) Para tanto, as particularidades da missão irão definir as características do armamento.

IP 21-2 prevê que o caçador deve ser munido de um fuzil projetado um alcance na faixa de 800 a 1000 m para emprego anti-pessoal, esperando que o atirador acerte uma cabeça a 400 m, o torso de um homem de 400 a 600 m e um homem de pé a 800 m.

O funcionamento da arma pode ser tanto de repetição, quanto semiautomático. De maneira geral, armas de repetição são mais aceitas nos exércitos ocidentais, devido seu menor custo de fabricação, manutenção, maior precisão, e confiabilidade, pois as etapas do funcionamento são realizadas por ação muscular. Ficando em desvantagem basicamente em poder de fogo, em missões que a eficácia não seja fator determinante.

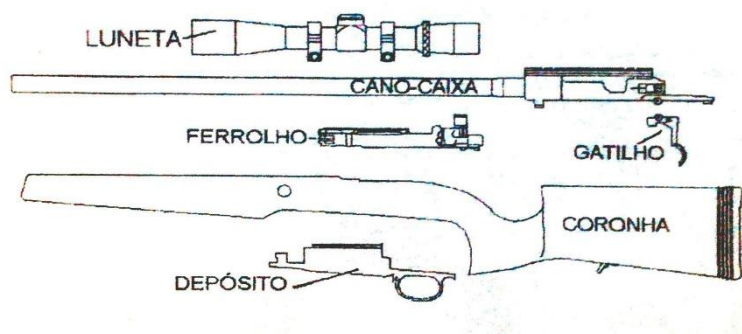
Diretamente ligado ao alcance do armamento, está o seu calibre. O mais difundido é .308 Win (7,62 x 51mm), pois alia precisão e facilidade logística para sua obtenção, seguido do .50, um calibre anti-material, empregado para disparos superiores a 1000 metros, por sofrer menor influência de fatores meteorológicos.

A precisão deve permitir que um grupamento de no máximo um minuto de ângulo (MOA), o que corresponde aproximadamente a 2,5 cm a 100 m ou 20 cm a 800 m. Na prática, significa que o armamento é capaz de atingir a silhueta humana a distância de até 800 m.

Dessa forma, fator preponderante na produção de um fuzil de alta precisão é seu cano. Trata-se de um material forjado a frio, com raiamento e acabamento muito bem fabricados. Normalmente pesado e mais espesso do que fuzis convencionais, deve ser “flutuante”, ou seja, nenhuma parte da arma, além da coronha, deve ter contato com o cano. Todos esses fatores permitem uma balística interna e externa mais constante ao projétil.

O gatilho deve ser de excelente qualidade, possuindo duas fazes bem definidas, precisas e justas, com regulagem de peso 1000 e 3500 gramas, garantindo uma média entre força impressa na tecla do gatilho e segurança.

Figura 2 – Conjuntos do Fuzil .308 IMBEL – AGLC



Fonte: Brasil (2003)

4.2.2.1.2 Sistema de pontaria

A qualidade é medida pela sua qualidade ótica, aumento, clareza de imagem e brilho. No que diz respeito ao sistema de pontaria, Guilherme Guimarães Ferreira afirma que:

- a. As lunetas são dispositivos óticos, utilizados para observação e pontaria do armamento sobre o alvo. O sistema de armamento deve possuir também aparelhos de pontaria metálicos para serem utilizados caso a luneta torne-se ineficaz.
- b. O conjunto luneta é parte fundamental do sistema de armamento do caçador. A qualidade e robustez da luneta, seus anéis de fixação e da base são tão importantes para a precisão do armamento quanto os demais conjuntos. (FERREIRA, 2003, p. 2-3 a 2-4).

O aumento pode ser fixo ou variável, sendo a aproximação de 10x a mais utilizada no Exército Brasileiro, pois permite maior simplicidade na utilização dos recursos da luneta, observação e pontaria. Contudo é comum em outros exércitos aumentos de até 50x para disparos mais longos.

Os ajustes da luneta devem permitir correções de nitidez no foco do alvo e retículo. Possibilitar também correção na elevação e direção de forma rápida e acionados pelos dedos da mão, desprezando o uso de ferramentas, trazendo mais presteza ao caçador.

O tipo de retículo é determinado pelo tipo de missão a ser cumprida. Dessa forma, todo caçador necessita de um retículo que lhe facilite a pontaria, possibilidade de avaliação de distância e correções de elevação e direção em curto espaço de tempo.

Figura 3 – Da esquerda para direita: Leupold Mark 4 LR/T 10x40mm, retículo Mil Dot



Fonte: Mark 4 LR/T (2020); Mil dot (2020).

4.2.2.2 Equipamentos óticos e oprtrônicos

Os equipamentos óticos e oprtrônicos são ferramentas que auxiliam o caçador e observador na aquisição de alvos, medição de fatores meteorológicos e progressão no terreno. Dentre eles podemos citar:

- a. Luneta de observação - Utilizada para detecção de alvos e melhor observação devido a magnitude de seu aumento. Fundamental, também, para determinar o impacto do tiro e correções subsequentes.
- b. Binóculo - Utilizado na detecção de alvos e avaliação de distância, no caso de binóculos graduados com escala de milésimos.

- c. Telêmetro - Utilizado como binóculo e principalmente na aferição de distância, por se tratar de um meio eletrônico e ser capaz de calcular distancias de forma rápida e precisa.
- d. Óculos de visão noturna - Utilizado para a observação e deslocamentos noturnos

Figura 4 – Da esquerda para direita: luneta de observação, binóculo, telêmetro, óculos de visão noturna



Fonte: Spotting scope (2020); Powerview 20x50 binoculars (2020); Rangefinders (2020); Digital sentry night vision (2020).

4.2.2.3 Munição

Quase todo projeto de armamento é desenvolvido a partir de um tipo específico de munição. Nos exércitos ocidentais as mais utilizadas são o .308 win, .338 Lapua e .50 BMG. Em todas estas munições são usados projétil tipo Boat Tail, pois proporciona maior velocidade, menor desvio e maior estabilidade durante sua trajetória. Podendo ser empregados, também, projéteis traçantes e perfurantes, mediante a necessidade da missão.

A munição também difere das convencionais no seu processo de fabricação. Deve ser mais rigoroso, tanto para os projéteis quanto o tipo de pólvora, implicando, dessa forma, atenção especial para quantidades exatas de propelente e sua qualidade, visando uma queima uniforme. Dessa forma, para que se alcance elevado nível de precisão e padronização, muitos atiradores fabricam suas próprias munições.

A escolha desse insumo é tão importante que a mudança da munição irá acarretar mudanças em todo sistema de armamento, exigindo treinamento e novos cálculos balísticos.

Figura 5 – Munição Lapua .308 Winchester



Fonte: .308 Winchester (2020)

4.2.2.4 Equipamento adicional

Os equipamentos adicionais são uma série de itens que auxiliam a equipe de caçadores a cumprir suas missões, facilitando a obtenção de dados necessários à realização de um bom tiro, bem como a permitir a manutenção, quando for o caso, de contato com o Escalão Superior” (BRASIL, 1998, p. 2-10).

Para as comunicações, podemos citar o conjunto rádio e dispositivo para segurança das comunicações, utilizados para permitir o contato com o escalão superior e demais militares quando necessário e de forma segura.

Para cálculos de velocidade de vento existem anemômetros, esses dispositivos funcionam como uma estação meteorológica e que hoje são portáteis e muito precisos, fornecendo ao caçador uma estimativa rápida da velocidade e direção do vento, diminuindo assim imprecisões na aferição do mesmo.

Para os cálculos balísticos, existem atualmente calculadoras específicas para cálculos de balística. Trata-se de um equipamento extremamente versátil devido a sua capacidade de processar vários dados como o vento, a temperatura, a pressão e a umidade e o tipo de munição, por exemplo, e dar ao caçador as correções necessárias para a realização do tiro, de forma rápida e prática.

Figura 6 – Da esquerda para direita: Anemômetro Kestrel 5700X e computador balístico Nomad 1050



Fonte: Kestrel 5700x weather meter (2020); Nomad 1050 (2020).

4.2.2.5 Fardamento

Uma das principais características de um caçador é sua furtividade. Para isso, faz-se necessário um fardamento não convencional, que busque quebrar os contornos da silhueta humana (pescoço, ombros e cabeça) e confundir o caçador com o meio ambiente em que atua, seja em ambiente com vegetação ou urbano. Esse tipo de vestimenta é conhecido como *ghillie*, uma roupa produzida pelo próprio caçador e específica para o ambiente operacional que atua.

Figura 7 - Diferentes ambientes e camuflagens



Fonte: Sniper (2020).

4.2.3 Sistema de armamento do Exército Brasileiro

Em novembro de 2001, ocorreu o primeiro Estágio de Caçador conduzido pelos instrutores da AMAN. Nele foram utilizados fuzis de competição da Seção de Tiro e protótipos de fuzis de alta precisão, emprestados pela IMBEL, aos quais foram adaptadas lunetas de vários tipos e procedências. A munição escolhida foi a finlandesa Lapua, pois se tratava de uma sobra destinada ao treinamento da equipe de fuzil da AMAN.

Os fuzis protótipos testados na ocasião eram um projeto inicialmente composto por um sistema Mauser e um cano de metralhadora .30 Browning, resultado dos esforços feitos pelo Maj Paulo Augusto Capetti, engenheiro militar, e pelo Cel R1 Athos Gabriel Lacerda de Carvalho, armeiro amador que posteriormente usou suas iniciais no nome do projeto do fuzil de precisão que atualmente compõe o sistema de tiro padrão do caçador do exército Brasileiro.

Infelizmente no Brasil não existem indústrias com tecnologia na produção de lunetas para armamentos. Dessa forma, chegou-se à conclusão que tais equipamentos óticos seriam importados, e, dentro dos requisitos, sagrou-se como melhor opção a luneta padrão do sistema de tiro, a luneta Leupold Mark 4 M1, possuindo magnitude de 10x e retículo mil dot.

Seguindo o exemplo das lunetas, foi necessário na época uma munição com parâmetros de precisão em que a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) não era capaz de fornecer. Dessa forma, o último elo do sistema de armamento do caçador do Exército Brasileiro seria a munição Lapua .308 win.

Dessa forma, a partir do ano de 2002, o estágio passou a ser conduzido pelo sistema de armamento composto pelo fuzil de precisão IMBEL 308 AGLC, luneta Leupold Mark 4 e munição Lapua .308 win para todos os estagiários.

Figura 8 - Fuzil de precisão IMBEL 308 AGLC



Fonte: Fuzil de precisão AGLC .308 (2020)

4.3 A FORMAÇÃO DOS CAÇADORES NO EXÉRCITO BRASILEIRO

4.3.1 O Projeto Caçador

O Brasil tem como uma de suas diretrizes da Estratégia Nacional de Defesa, a dissuasão de forças hostis. É do conhecimento de muitos que a função do caçador é uma peça fundamental no atual ambiente de conflitos.

Há tempos o Exército Brasileiro (EB) observa a importância incontestável desse tipo de atirador nos conflitos recentes. Em função disso, iniciou um trabalho pioneiro para desenvolver conhecimentos e doutrinas sobre o atirador de precisão. Inicialmente, especialistas em tiro efetuaram pesquisas que embasaram o conteúdo da primeira instrução ministrada sobre o tema “Caçador”. Ocorrida no ano de 1973, na Seção de Instrução Especial (SIEsp) da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), a instrução sagrou-se como o evento precursor dessa atividade no Brasil (MERLIM, 2018, p. 62).

Posteriormente, o EME determinou à AMAN produzisse um material sobre o assunto, surgindo assim a IP 21-2 – O Caçador, publicada no ano de 1998 e distribuída à tropa. Desde então, a Academia vem desenvolvendo um projeto de pesquisa na área operacional denominado Projeto Caçador.

Segundo AMAN (2013), em 1999, foi solicitado inicialmente apoio ao senhor Luiz Horta, instrutor de tiro da Polícia Militar de São Paulo, que ministrou um pequeno estágio a respeito do “caçador policial”. Contudo, notou-se que para a Força Terrestre seria necessário instruções diferenciadas. Deram-se início assim, a novas pesquisas referentes à formação do “Caçador Militar”.

No ano de 2001 foi realizado o primeiro Estágio de Caçador conduzido pelos instrutores da Academia, constituído por oficiais de diversas OM, além de ser usados alguns protótipos de fuzis de alta precisão, emprestados pela Fábrica da IMBEL. Protótipos estes que levariam ao projeto do AGLC, o fuzil de precisão de dotação da Turma de Caçadores dos Batalhões de Infantaria.

O estágio de 2001 foi consideravelmente superior ao ministrado por Luiz Horta, porém limitando-se a disparos de até 300 metros e não se sabia a maneira correta de conduzir a instrução de muitos assuntos pertinentes às atividades do caçador.

Para suprir essa demanda, foi selecionado o então 1º Tenente de Artilharia Guilherme Guimarães Ferreira, frequentando, nos primeiros meses de 2002, um curso de 8 semanas na Escola de Snipers do Exército dos Estados Unidos da América, tornando-se o primeiro estrangeiro a concluí-lo. Trazendo consigo, informações necessárias que permitiram um enorme avanço para o Projeto Caçador.

Neste mesmo ano, foi executado um estágio reformulado, conforme padrões trazidos do Exército Norte-americano. Contudo, o Estágio teve de ser desenvolvido em apenas duas semanas, em regime intensivo, tendo em vista ser o único modo de acomodá-lo dentro do calendário escolar.

Após a APA do estágio de 2002, com a experiência adquirida, foi escrito um Programa Padrão de Instrução, permitindo assim a padronização da formação e a consolidação dos ensinamentos adquiridos nos anos anteriores. Foram criados também obras como: Técnica de Tiro do Caçador, aprovado pelo EME como “trabalho útil”; Emprego Tático do Caçador e Ações Contra Caçadores, este último aprovado, publicado e distribuído à tropa pelo COTER, além da atualização do Caderno de Instrução O Caçador.

No ano de 2005, a novidade testada foi a inserção dos caçadores no Sistema de Busca de Alvos da Artilharia, onde cadetes de Infantaria, identificaram alvos e fizeram o pedido de apoio de fogo, ligando-se com o Observador Avançado da Artilharia. Esta experimentação obteve grande êxito, corroborando com a proposta de que esta é hoje uma das missões principais de um caçador.

Todos esses anos de estágios realizados na AMAN, serviram para formar uma “massa crítica”, composta por oficiais e sargentos perfeitamente habilitados e capazes de prosseguir com os trabalhos de formação de caçadores para o Exército.

Segundo FERREIRA (2020), entre o ano de 2006 e 2007 o EME, em conjunto com o COTer, determinou por meio de portaria que o Centro de Instrução de Operações Especiais ficasse responsável por ministrar um curso vocacionado para a atividade de operações especiais e, em contra partida, algumas OM ficariam responsáveis por ministrar estágios setoriais para cada C Mil A.

Essa medida teve por objetivo contornar alguns encargos administrativos presentes na formação realizada pela Seção de Tiro da AMAN, como por exemplo, o limitado número de instrutores e difícil disponibilidade do campo de instrução (AMAN, 2013). O que vem impossibilitando, dessa forma, que a Academia supra a demanda de caçadores de todos os batalhões de infantaria.

A descentralização contornou estes problemas. Contudo, geraram-se muitos outros, principalmente no que diz respeito à qualidade e uniformização do ensino, motivado pela ausência de um órgão que fiscalizasse o processo de formação de cada Comando Militar (FERREIRA, 2020). Cabe destacar, também, as grandes diferenças entre as condições de realização dos estágios, existindo grandes desconformidades em relação à disponibilidade de armamento, munição e estandes que permitam a realização de tiros entre 400 e 800 metros, com os problemas persistindo até os dias de hoje (FERREIRA, 2020).

4.3.2 Processo de seleção

A seleção do pessoal cresce de importância tendo em vista suas consequências futuras para o treinamento dos novos caçadores. Além do caçador ter que atender a vários requisitos, visando facilitar seu treinamento, de acordo com (BRASIL, 1998), deve-se ter bastante critério na escolha e seleção, pois tais militares são submetidos a rigorosos treinamentos e, em situação de combate, não raramente, estão mais expostos a grandes riscos que a tropa convencional.

O Exército Brasileiro preconiza aos candidatos: ser voluntário, estar apto em avaliação psicológica, possuir bom conceito com seus comandantes e histórico disciplinar compatível, ser conhecedor da tática individual e das pequenas frações da Infantaria, bom desempenho no terreno e ser um excelente atirador, além de abordar alguns requisitos que devem ser atendidos como critérios de seleção, segundo BRASIL (1998, p. 1-4).

- sexo masculino;
- antecedentes familiares sem observações negativas;
- convivência familiar exemplar;
- ausência de alterações disciplinares;
- condições mentais saudáveis;
- equilíbrio emocional;
- resistência a fadiga;
- paciência;
- inteligência;
- criatividade;
- bom preparo físico;
- visão 20/20 ou que possa ser corrigida com uso de óculos;
- motivação para a função;
- resultados excelentes nas seções de tiro com fuzil.
- ausência de vícios, tais como: alcoolismo, tabagismo, toxicomania, etc.

O militar que atenda aos requisitos descritos acima, poderá frequentar os estágios de caçador. Dentre eles destacam-se o estágio realizado anualmente na AMAN, além do Curso de Caçador de Operações Especiais, realizado no Centro de Instrução de Operações Especiais

(CIOpEsp), com duração de um mês e específico para militares operadores, bem como o curso caçadores ministrado durante o curso de Precursores Paraquedistas na Companhia de Precursores Paraquedistas (Cia Prec Pqdt) (ALBUQUERQUE, 2018, p. 17).

4.3.3 Instruções ministradas

Resumidamente, o estágio é composto por instruções teóricas e práticas, abordando habilitações técnicas e táticas peculiares ao Caçador.

Tendo em vista a grande descentralização e despadronização, é difícil estipular quais instruções são ministradas nos estágios, como também sua carga horária, contudo, existem algumas instruções chave para a formação e que devem ser tratadas com maior relevância, como por exemplo: caçada, avaliação de distâncias, tiros a distâncias desconhecida, tiros em alvos móveis, emprego tático do Caçador, confecção da roupa de camuflagem do Caçador, técnicas de rastreamento, e abrigos para Caçadores.

Visando o nivelamento das instruções, o Caderno de Instrução O Caçador, em seu Anexo B, apresenta o tópico “RELAÇÃO DO ASSUNTOS DE INSTRUÇÃO PARA O CAÇADOR”. Abordando assuntos de interesse para as instruções, por exemplo: organização, emprego, técnicas de tiro, técnicas e táticas em campanha, documentação do caçador e avaliação de distância, além de um programa de manutenção de instrução do caçador, em que é amarrado tarefas a serem ministradas no período de cinco jornadas.

4.4 A FORMAÇÃO DOS CAÇADORES EM OUTROS EXÉRCITOS

4.4.1 United States Army Sniper School

O curso de atirador do exército dos Estados Unidos é um curso de sete semanas em que o aluno passa por um treinamento rigoroso para se tornar a arma mais temida no campo de batalha. O curso testará um aluno; técnicas de campanha, pontaria, planejamento de missão, consciência situacional avançada, operações urbanas, compromissos complexos e construção de letalidade coletiva para criar uma luta injusta em favor da equipe de atiradores, em apoio a operações ofensivas, defensivas e de estabilidade para o Exército dos Estados Unidos (UNITED STATES, 2020, online, tradução nossa).

A *Sniper School* se localiza a aproximadamente 20 Km a sudeste do centro de *Fort Benning*, ao lado da também consagrada *Ranger School*. Desde 1987 é reconhecida pelo seu alto rigor técnico, possuindo atualmente o maior índice de desligamento dos cursos do Exército Americano. Isto se deve, principalmente, a quantidade de provas práticas e a pressão a que o aluno é submetido.

4.4.1.1 U.S. Army Sniper Course

4.4.1.1.1 Seleção

Para ser matriculado o militar passa por rigorosa pré-seleção, tendo em vista o tipo de atividade e conhecimentos que serão aprendidos pelo do aluno durante o treinamento. O processo de seleção começa com alguns requisitos básicos que abrange ser voluntário, recomendado pelo comandante de companhia, possuir bom comportamento, não ter histórico de abuso de álcool e drogas, bom desempenho físico, estar apto em exames médicos e psicológicos, possuir visão 20/20 sem daltonismo, atender aos critérios de altura e peso, além de atingir se submeter a provas de tiro e possuir conhecimento prévio sobre o assunto. UNITED STATES (2020).

4.4.1.1.2 Rotina

No ano de 2002, o Exército Brasileiro enviou um oficial de Artilharia para realizar o curso com a finalidade de reunir conhecimentos para aprimorar a doutrina brasileira. Guilherme Guimarães Ferreira foi o primeiro brasileiro a ter oportunidade de realizar o curso e o primeiro estrangeiro a concluí-lo.

De acordo com o relatório de conclusão de curso daquela data, o curso possuía cinco semanas e a rotina diária de instrução era entre 04:30 às 00:30, sendo constituída de treinamentos físicos, instruções práticas e teóricas, além das refeições.

A rotina diária do curso é a seguinte:

04:30 Alvorada

05:20 Treinamento físico militar (marchas forçadas, corridas, etc.)

06:30 Café da manhã (normalmente ração quente)

07:00 Início das atividades de campo (tiro, caçada, demais assuntos ministrados)

13:00 Almoço (ração operacional)

13:30 Reinício das atividades
 18:30 Jantar (ração quente ou operacional)
 20:00 Atividade de campo (tiro noturno) ou confecção de material de sniper
 24:00 Encerramento das atividades e manutenção do armamento
 00:30 Retorno para o alojamento (quando não houvesse pernoite no campo)
 (FERREIRA, 2002, p. 6).

4.4.1.1.3 Instruções

As instruções são divididas entre teóricas, praticas não avaliadas e práticas avaliadas, subdivididos em uma carga horária de 220 horas, sendo que, apenas a avaliação de distância, detecção de alvos, caçada e tiro eram avaliadas.

No quadro abaixo são descritos os assuntos ministrados e avaliados com suas respectivas cargas horárias:

Quadro 1 – Assuntos e respectiva carga horária da *United States Army Sniper School*

ASSUNTOS	CONDIÇÕES	CARGA HORÁRIA
01. Treinamento Físico Militar	-Prática não avaliada	08 h
02. Sistemas de armamento de Sniper	-Teoria	05 h
03. Tiro – balística	-Teoria	04 h
04. Tiro - fundamentos	-Teoria	03 h
05. Tiro a distância conhecida	- Prática não avaliada	14 h
06. Técnica de tiro em alvo móvel	-Teoria	01 h
07. Tiro em alvo móvel (diurno)	-Prática não avaliada	09 h
08. Tiro em alvo móvel (diurno)	-Avaliação prática	04 h
09. Tiro em alvo móvel (noturno)	-Prática não avaliada	08 h
10. Tiro em alvo móvel (noturno)	-Avaliação prática	04 h
11. Tiro a distância desconhecida	-Prática não avaliada	16 h
12. Tiro a distância desconhecida	-Avaliação prática	02 h
13. Tiro - posições alternativas	-Teoria	01 h
14. Tiro - posições alternativas	-Prática não avaliada	01 h

Continua

Quadro 1 – Assuntos e respectiva carga horária da *United States Army Sniper School* – continuação

15. Tiro a longo alcance	-Prática não avaliada	04 h
16. Operações urbanas	-Teoria	02 h
17. Operações urbanas	-Prática	11 h
18. Ocupação de posição e construção de abrigos	-Teoria	01 h
19. Ocupação de posição e construção de abrigos	-Prática não avaliada	15 h
20. Detecção de alvos	-Teoria	01 h
21. Detecção de alvos	-Prática não avaliada	05 h
22. Detecção de alvos	-Avaliação prática	04 h
23. Rastreamento	-Teoria	02 h
24. Fuga e evasão	-Teoria	02 h
25. Preparação e confecção de material de sniper	-Prática	18 h
26. Organização e emprego tático do sniper	-Teoria	02 h
27. Operações contra-sniper	-Teoria	02 h
28. Operações contra-sniper	-Prática não avaliada	01 h
29. Caçada, camuflagem e progressão	-Teoria	04 h
30. Caçada, camuflagem e progressão (diurna)	-Prática não avaliada	20 h
31. Caçada, camuflagem e progressão (noturna)	-Prática não avaliada	03 h
32. Caçada, camuflagem e progressão (diurna)	-Avaliação prática	12 h
33. Jogos de memória	-Teoria	01 h
34. Jogos de memória	-Prática não avaliada	01 h

Continua

Quadro 1 – Assuntos e respectiva carga horária da *United States Army Sniper School* – continuação

35. Avaliação de distância	-Teoria	01 h
36. Avaliação de distância	-Prática não avaliada	12 h
37. Avaliação de distância	-Avaliação prática	12 h
38. Exames teóricos	-Avaliação escrita	04 h

Fonte: AMAN (2002).

4.4.1.1.4 Sistema de armamento

Segundo FERREIRA (2002), foi empregado o *M24 Sniper Weapon System*. Esse sistema de armamento é composto por um fuzil modelo *Remington 700*, coronha *HS Precision* e luneta *Leupold Mark 4 3.5-10x40mm LR/T M3*, em conjunto com a munição *M118*.

No entanto, com a evolução da doutrina americana ao longo desses anos, o Exército dos Estados Unidos emprega atualmente uma evolução do *M24 Sniper Weapon System*. O novo sistema é composto pelo fuzil *M2010* com coronha rebatível e trilhos *picatinny*, luneta *Leupold Mark 4 6,5-20x50 mm* e utiliza munição *.300 Winchester Magnum*.

Figura 9 – M2010 Sniper Weapon System



Fonte: M2010 enhanced sniper rifle (2020)

4.4.1.1.5 Considerações gerais

Como é de se esperar, além da mudança do sistema de armamento, também houve mudanças no tempo de realização do curso, passando de cinco para sete semanas.

Segundo FERREIRA (2002), as instalações da escola são bastante simples, constituindo-se basicamente de 3 galpões de aproximadamente 300 m² cada. Isso serve de referência para a criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro, tendo em vista, que

mesmo com uma estrutura simples o Exército Americano foi capaz de se tornar um país referência no assunto.

Muita ênfase foi dada também para as medidas de contra-caçador, tendo em vista a grande preocupação desse exército com o assunto, consequência de experiências aprendidas com a participação em conflitos. Dessa forma, os militares ali formados levam consigo o conhecimento e o repassam em suas unidades, tendo em vista que os alunos, em sua grande maioria, são praças e, via de regra, já desempenham a função de caçador.

Pode-se destacar também, que ao contrário do que se espera, o efetivo da escola é bastante reduzido apesar da complexidade da atividade e do curso em si, cabendo ressaltar que a escola não possui autonomia administrativa e emprega praticamente todo o pessoal diretamente no exercício das instruções, conforme apresenta FERREIRA (2002, p. 3).

- Cmt: Cap (aperfeiçoado).
- SCmt: 1º Sgt.
- Coordenador do curso: 2º Sgt.
- Instrutores: 2º ou 3º Sgt (12 previstos / 8 existentes).
- Auxiliares: Cb (2) e Sd (3).
- Alunos: entre a graduação de Sd antigo e 2º Sgt (*E-3 a E-7*).
- Possibilita um total de 06 cursos de 40 alunos/ano.

Observando estes dados, pode-se concluir que não é necessário elevado número de instrutores e auxiliares para a formação adequada de caçadores, mesmo levando em conta a complexidade do assunto. O efetivo da *Sniper School* é de apenas 1 oficial, 14 sargentos e 2 cabos e 3 soldados, totalizando 20 militares previstos para possibilitar a formação de 240 caçadores por ano.

4.4.2 Escuela de Tiro do Centro Nacional de Entrenamiento

OBJETIVO DO CURSO: Treinar pessoal das forças militares colombianas e países da comunidade internacional, para serem atiradores de alta precisão com conhecimento em sistemas de armamento, equipamento ótico, munição e equipamento especial, permitindo com que componham turmas de caçadores e destacamentos de reconhecimento de uma unidade TAP (atiradores de alta precisão) e poder participar de operações militares como membros de uma equipe ou turma de caçadores (FUERTE MILITAR TOLEMAIDA, 2019, on-line, tradução nossa).

O Forte Tolemaida se localiza aproximadamente a 100 km a sudoeste de Bogotá. Neste complexo, além da *Escuela de Tiro*, também existem as escolas de *Lanceros*, *Fuerzas*

Especiales, Entrenamiento y Reentrenamiento Táctico e Asalto Aéreo. O Forte se localiza aproximadamente a 500 metros de altitude em uma região de clima equatorial, sendo que ao longo do curso de *Tirador de Alta Precisión* (TAP), as instruções passam a ser ministradas no Batallón de Entrenamiento Y Reentrenamiento, nos arredores de Bogotá, a 3300 metros de altitude.

4.4.2.1 Curso de Tirador de Alta Precisión

O curso foi criado em 2002, com cinquenta oficiais e cinquenta praças e possui hoje a duração de 8 semanas, além de uma semana de testes iniciais, com instruções distribuídas dentro de aproximadamente 522 horas. No ano de 2019 a escola foi capaz de formar 240 caçadores distribuídos em sete cursos ao longo do ano (COLOMBIA, 2019).

O TAP caracteriza-se pelo elevado grau técnico e rigoroso processo de seletivo, de maneira que, grande parte dos alunos já compõe equipes de caçadores em suas unidades ou são oriundos de unidades de forças especiais.

É importante destacar também o curso de *Tirador de Plataformas Aéreas y Móviles* (TEPAM), uma extensão do Curso TAP com ênfase no tiro de plataformas móveis. Este curso possui duração de 4 semanas e é destinado a alunos que já possuem o TAP. No curso os alunos têm instruções teóricas e práticas sobre a realização de tiro em plataformas móveis com ênfase em tiros de aeronaves, embarcações e viaturas em movimento.

4.4.2.1.1 Seleção

O objetivo do TAP é capacitar oficiais e praças do Exército da Colômbia e países da comunidade internacional. Estes militares devem ser peritos nas técnicas de camuflagem e progressão, além de bons atiradores, livres de vícios, equilibrados e voluntários para a função.

Para ser selecionado o aluno deve ser oficial, praça ou soldado do efetivo permanente do sexo masculino, com idade entre 18 e 40 anos. Segundo COLOMBIA (2010), o aluno deve passar por exames físicos, psicológicos e atender aos seguintes requisitos:

- Ser voluntário
- Ser bom atirador a 100 metros
- Não ter problemas de ansiedade

- Não possuir vícios
- Possuir visão 20/20
- Não possuir deficiência auditiva
- Experiência em área de combate
- Bom preparo físico
- Capacidade mental (ênfase na paciência e isolamento)
- Não possuir daltonismo

Os testes físicos acontecem antes do início e final do curso. Os índices são idênticos e o aluno deve concluí-los tanto para admissão, quanto para conclusão. Conforme Oliveira e Rosa (2020), os testes englobam índices menores que o TAF do Exército Brasileiro. Para faixa etária de 30 a 39 anos são avaliados corrida de 2400m para 13 min, 25 repetições de flexão de braço e 30 repetições de abdominal remador modificado.

Nessa fase também são realizados testes laboratoriais e psicológicos. Após a aprovação, o aluno recebe seu fuzil de precisão (Remington USR 700 308, com luneta Leupold Mark 4 LR/T M3) e adquire grande parte dos materiais do enxoval.

4.4.2.1.2 Rotina

Ao chegarem ao Forte Tolemaida, todos os alunos devem comprar um enxoval rigidamente padronizado. Segundo Oliveira e Rosa (2020), todo o curso é financiado pelos próprios alunos, como refeições, água a ser consumida, uniformes, equipamentos, roupas de cama, meios da instrução, exames complementares e pintura de alojamento, dentre outros, conforme o anexo 1.

A rotina da primeira semana é cumprida durante todo o curso, sendo flexibilizada apenas na fase de montanha.

- 04:20 Alvorada, higiene, e manutenção das instalações
- 06:30 Café da manhã
- 07:20 Instrução
- 12:00 Almoço
- 14:00 Reinício das atividades
- 17:00 Jantar e estudos

- 19:00 Instrução noturna

- 21:00 Volteo

Via de regra, o período noturno fica à disposição da equipe de instrução, composta por um 1º sargento e um soldado profissional. Essas horas normalmente são dedicadas ao TFM e uma série de incrementos físicos de corrida e ginástica básica (*volteo*), visando fortalecimento de grupos musculares e prevenção de lesões.

Nos finais de semana há um período, geralmente das 09:00 às 17:00 do domingo (*horas no programadas*), no qual os alunos podem acessar as lojas e caixas eletrônicos do Forte Tolemaida e repor alguns itens de mercado, farmácia e alfaiataria, tendo em vista que não há saída à cidade nas 8 semanas do curso.

Cabe destacar, também, que durante todo o curso os alunos são privados de seus aparelhos celulares, exceto durante as *horas no programadas* e para a realização das provas teóricas, sendo realizadas em uma plataforma digital.

4.4.2.1.3 Instruções

Segundo relatório de conclusão de curso, Oliveira e Rosa (2020) enfatizam o alto grau técnico, destacando a elevada carga horária de estudo teórico, com algumas matérias sendo apresentadas de forma bastante aprofundada. A instrução de balística, por exemplo, tem a duração de 3 dias inteiros, de forma que as 03 primeiras semanas são todas destinadas a instruções teóricas, não havendo nenhuma realização prática de tiro.

As avaliações exigem grau 7,0, sendo relativamente fáceis em sua maioria. Contudo alguns assuntos necessitam de maior empenho dos alunos, pois envolvem conceitos de ciências exatas como física, química e matemática (orientação, miras telescópicas, miras térmicas, balística), dados de pesos, de comprimentos e datas relacionadas aos armamentos utilizados colombiano e de outros países. Em seu relatório Oliveira e Rosa (2020) apontam as instruções ministradas em cada semana:

Semana 01

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Emprego tático
- Equipamento do caçador
- Leitura de cartas e orientação
- Balística
- Liderança
- Ética e honra militar
- Direitos humanos

Foi ministrada também a matéria de *sanidade em campanha* (primeiros socorros). Nela constam técnicas de como aplicar injeções e aplicar soro intravenoso, tarefas realizadas em duplas, sempre avaliadas pelo instrutor. Posteriormente, caso um aluno se desidrate, a primeira pessoa a aplicar o soro será sua dupla (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 4).

Semana 02

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Armas convencionais
- Armamento do curso
- Emprego de miras telescópicas
- Lições Aprendidas

Conforme Oliveira e Rosa (2020, p. 6), as instruções sobre armas convencionais se trata de um estudo detalhado dos tipos de munições, projéteis e cartuchos, estudo dos armamentos colombianos, bem como a variedade de outros armamentos que possuem (armamentos russos, norte-americanos, austríacos, israelenses, etc.). As demonstrações contam com o uso de fuzis seccionados como meio auxiliar de instrução, permitindo que o instruendo observe as fases do funcionamento da arma através das aberturas no sistema.

São ministradas também instruções de balística de forma detalhada, abordando o histórico da utilização das munições e demonstração prática dos impactos de projéteis em diversas superfícies (tecido, vidro, osso, carne).

Semana 03

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Fundamentos de tiro
- Emprego de miras telescópicas
- Observação
- Armas curtas
- Tiro sob estresse (prática com tiro de pistola)

É realizado também a confecção do traje *ghillie*, com o trabalho sendo feito durante os intervalos do dia, noites e madrugadas, de forma que, ao final do período de confecção, os trajes sejam inspecionados, queimando-se os piores do turno em uma cerimônia. Há, também, instruções de assalto aéreo, rapel equipado e marcha de 5km (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 6).

Semana 04

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Prática de tiro com fuzil
- Prática de tiro em média montanha e clima frio
- Tiro sob estresse

Nessa ocasião inicia-se a parte prática do tiro de fuzil e confecção da tabela de tiro para o sistema de armamento, com disparos entre 100 e 800 metros. São aplicadas avaliações das matérias já ministradas, revista da roupa *ghillie* e início da preparação para a fase de montanha (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p.7).

Semana 05

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Prática de tiro com fuzil
- Tiro sob estresse

De acordo com Oliveira e Rosa (2020, p. 7), nessa semana os alunos se dirigem ao BITER (Batallón de Entrenamiento Y Reentrenamiento) N° 13, nos arredores de Bogotá, considerado média montanha. Essa fase possui a duração de uma semana, onde os alunos podem experimentar os efeitos da variação da temperatura e da altitude na balística do tiro de precisão, com diferença de mais de 2500 metros e 30 ° C de temperatura.

Visando reduzir o impacto das mudanças sobre os instruendos, o *volteo* nessa fase diminui bastante e as horas de sono são ampliadas (20h as 05h). Sendo normal alguns alunos sentirem o efeito da altitude, como cansaço e dor de cabeça.

Semana 06

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Teoria de armas curtas
- Prática com armas curtas
- Fundamentos de tiro
- Teoria de miras térmicas
- Tiro com miras térmicas

Nessa ocasião são realizados tiros com *aguantes* (técnica de compensação), através do surgimento de alvos em diferentes distancias devendo ser engajados de forma rápida. Ocorrendo também instrução de sistemas de miras holográficas, modelo MEPRO NOA NYX e inspeção da roupa ghillie (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 7).

Figura 10 – Mira térmica MEPRO NOA NYX



Fonte: Snipers and sharpshooters (2020).

Semana 07

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Prática de tiro com fuzil
- Tiro sob estresse

Nessa semana, são realizados tiros com miras térmicas NOA NYX e prova de tiro sob suportes improvisados e tiro com ângulos negativos, realizado em uma torre localizada na própria Escola de Tiro. Também ocorre uma prova de tiro sob estresse, sendo uma excelente oportunidade para conhecer os efeitos do cansaço no disparo (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 7)

Semana 08

Nessa semana são previstas as seguintes instruções:

- Planejamento
- Procedimentos táticos
- Pista de procedimentos táticos
- Atividade em campo
- *Acecho*

Segundo Oliveira e Rosa (2020, p. 7), nesse momento é realizado o exercício tático, no qual o curso é dividido em duas patrulhas com o objetivo de eliminar alvos ao longo de um itinerário de progressão, havendo emissão de ordem à patrulha semelhante ao modelo do nosso exército. A atividade dura dois dias e os disparos são realizados a distâncias de 300, 500 e 600 metros, possuindo apenas 2 munições para impactar cada alvo, com as correções senso feitas pela sua dupla.

Na última semana é realizado o *Acecho* final que é uma caçada semelhante à dos estágios de caçador do Exército Brasileiro, mas com alvos e munição real, onde os instrutores observam, a partir de uma torre, a progressão de frente para os alunos TAP. Diversos militares sofreram sintomas de insolação nessa fase final do curso devido às altas temperaturas que o corpo atinge ao vestir o traje Ghillie, mas somente um soldado colombiano precisou ser reidratado. No fim, o aluno tem dois disparos a 300m para impactar o alvo humanoide que contém os órgãos vitais do homem e o tiro apenas é considerado se estiver em algum desses órgãos. Impactos nos braços e pernas não são considerados. É interessante citar que essa última atividade define o direito ou não do aluno receber e utilizar o distintivo do curso independente do seu desempenho durante todo o curso. Os alunos que não obtiveram êxito receberam uma segunda chance onde realizaram apenas o disparo (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 8).

Após o *Acecho* são realizadas medidas administrativas para o fim do curso (devolução de armamento, devolução de material, exames médicos, treinamento para a formatura), além da segunda fase do teste físico e o conselho acadêmico. Nesse conselho uma banca composta pelo diretor da escola, instrutor chefe e alguns instrutores, fazem a avaliação individual de cada aluno sobre seu desempenho durante o curso. Essa atividade se encerra com a banca informando a classificação final dos alunos.

4.4.2.1.4 Sistema de armamento

Conforme Oliveira e Rosa (2020, p. 4), o sistema de armamento empregado é o fuzil Remington USR 700, com luneta Leupold Mark 4 3.5-10x40mm LR/T M3, em conjunto com a munição Lapua .308 win. O sistema é muito semelhante ao *M24 Sniper Weapon System*, salvo o modelo de coronha e trilho estendido para fixação da mira térmica.

Figura 11 – Sistema de armamento TAP



Fonte: IMFDB (2020).

4.4.2.1.5 Considerações gerais

Vale ressaltar o fato de que o Exército Colombiano cobra pela realização de cursos e gastos internos dos alunos como alimentação e instalação, de forma que, na *Escuela de Tiro*, é destinado também tempos para que os próprios alunos façam manutenção nas instalações, como por exemplo o corte de grama dos estandes.

Ainda nesse assunto, vale registrar a recomendação de conduzir para o curso pelo menos um milhão de pesos (cerca de R\$ 1200,00 na presente data). Tudo no curso é bancado pelos alunos, como as refeições, a água a ser consumida, uniformes, equipamentos, roupas de cama, meios da instrução, exames complementares e pintura de alojamento, etc. (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 8).

A região onde se situa o Forte Tolemaida possui clima equatorial, caracterizando-se pela baixa pressão atmosférica e elevada temperatura e umidade, de forma que, somado à roupa ghillie, é comum casos de desidratação e intermação dentre os alunos. A forma como é confeccionado esse traje é fruto de adaptações de doutrinas de outros países, muitos deles de clima frio. Levando em consideração o clima tropical, tanto do Brasil, quanto da Colômbia, leva a crer que, a roupa ghillie, da forma como é ensinada, possa não ser a mais adequada ao nosso ambiente operacional.

Oliveira e Rosa (2020) propõe o aproveitamento e difusão, pelo EB, de experiências e aprendizados decorrentes da missão no exterior, além do fator climático, o Brasil enfrenta muitos problemas similares à Colômbia e que podem servir de aprendizado, por exemplo o combate ao tráfico de armas e drogas, principalmente na região amazônica.

É elencada também, a importância que é dada ao estudo do histórico e evolução dos armamentos nas diversas nações, dando ênfase à influência ideológica e midiática que os

Estados Unidos exerceram sobre o continente americano durante o período da Guerra Fria e os armamentos utilizados pela Venezuela e a extinta URSS. São feitos estudos de caso de como o armamento ilegal chega ao poder das principais forças irregulares (instrução de lições aprendidas), onde é mencionado o investimento de facções criminosas brasileiras através de situações reais.

Dentro deste assunto de aproveitamento e difusão de doutrina, Oliveira e Rosa (2020) destaca o curso avançado para atiradores de plataformas móveis, e o grande proveito para as unidades da região amazônica e em áreas de fronteira.

Ainda sobre a necessidade de desenvolvimento e vetorização, seria de grande valia que enviássemos instrutores de tiro aos cursos de TAP Avanzado ou TEPAM (extensão do Curso TAP com ênfase no tiro de plataformas móveis). Este curso possui duração de 4 semanas e é destinado a alunos que já possui o curso TAP. No curso o aluno tem instruções teóricas e práticas sobre a realização de tiro em plataformas móveis com ênfase em tiros de aeronaves, embarcações e viaturas em movimento. Este curso parece ser bastante interessante tendo em vista a constante utilização destes 3 meios pelo Exército Brasileiro, principalmente na região amazônica. (OLIVEIRA; ROSA, 2020, p. 8)

4.5 VANTAGENS E LIMITAÇÕES DA CRIAÇÃO DA ESCOLA DE CAÇADORES

4.5.1 Cenário atual da formação de caçadores

Por determinação do Estado Maior do Exército (EME), a formação de caçadores recai sobre os Comandos Militares de Área (C Mil A), mas apesar da função do caçador ser prevista no QCP das unidades de Infantaria e os estágios estarem ocorrendo há mais de 20 anos, a formação ainda esbarra na despadronização e falta de regularidade na realização, deixando de atender aos padrões mínimos de desempenho da atividade.

Conforme o entendimento de FERREIRA (2020), um dos possíveis fatores de decisão foi a economicidade, evitando, em um primeiro momento, a necessidade da criação de uma escola, curso ou algo de dimensões maiores, economizando, assim, em termos de custo, estrutura e área.

Todavia, a medida vem se mostrando insuficiente na transmissão adequada dos conhecimentos mínimos necessários, criando assim, novos obstáculos.

4.5.2 Problemas gerais

Assim como toda força armada, o Exército Brasileiro dispõe de alguns problemas naturais, muitos desses de caráter administrativo que, em grande parte, são consequência da falta de meios. Dentro da formação atual dos caçadores não é diferente, esbarrando, por vezes, em deficiências que estão acima do processo de formação.

a. Na atualidade, verifica-se, devido aos Estágios de Área de formação de caçador, conduzidos nos Cmdo Mil A, existe uma descentralização de conhecimentos e procedimentos. Além disso, os padrões mínimos de desempenho, em algumas ocasiões, não estão sendo atingidos. Tudo devido à falta de um sistema de armas que atenda à atividade operacional do caçador (Fz de alta precisão, munição *match*, lunetas de observação e outros). (AMAN, 2013, p. 7)

A falta de meios é provavelmente o principal fator externo que interfere na transmissão adequada dos conhecimentos mínimos necessários para o desempenho da atividade. São comuns estágios do corpo de tropa em que não são utilizados o sistema de armas previsto ou, sequer, a realização das instruções em campos de tiro adequados.

Segundo o relatório final do estágio setorial de reestruturação e padronização da formação do caçador de corpo de tropa, ocorrido no 28º Batalhão de Infantaria Leve (28º BIL) “- As OM que possuem caçador em seu QCP, mas não realizam a formação dos caçadores não possuem DMA de munição de precisão, impossibilitando o adestramento de tiro dos mesmos” (CI OP GLO, 2018, p. 4).

Nota-se que a limitada carga horária é outro fator que restringe a qualidade da formação. Conforme a entrevista concedida por FERREIRA (2020), o estágio da AMAN foi uma adaptação necessária do curso ministrado na Escola de Snipers do Exército dos Estados Unidos, que ocorre em dois meses. Dessa forma, o estágio da AMAN teve que se adaptar, tendo em vista que a melhor janela de disponibilidade do campo de instrução e período em instrução dentro da Academia, seria o intervalo de duas semanas referente ao período de recesso escolar.

A missão de desenvolver doutrina pertence hoje a AMAN. Por esta razão, segundo AMAN (2013), tomando por base o Programa Padrão empregado na Academia, os estágios setoriais dos C Mil A também utilizam o período de duas semanas, período este que vem se mostrando limitado para a transmissão e treinamento dos conhecimentos necessários da atividade dos caçadores. Conforme Guilherme Guimarães Ferreira, o período deveria ser de, no

mínimo, dois meses. “O estágio na AMAN não pode acabar, com risco de se perder a massa pensante, enquanto outra unidade não assumir integralmente o que acontece nesta Academia” (FERREIRA, 2020, p. 2).

A formação do caçador, por ser atividade recente no Brasil, ainda não foi suficiente para criar uma massa crítica que atenda à demanda das diversas unidades do EB quanto ao preenchimento de seus quadros organizacionais (AMAN, 2013). Tendo em vista que existem mais de 80 batalhões de infantaria, o que seria mais de 320 caçadores na ativa.

O estágio da AMAN passa muito mais o conhecimento e desenvolve pouco as qualidades do militar para forma-lo como um caçador. Entendo, sim, que o tempo é insuficiente, o tempo deveria ser de no mínimo dois meses. Com dois meses existe tempo, dentro de uma distribuição de uma carga horária, de ensinar a teoria, treinar e melhorar a qualidade do caçador em todas as qualidades do instruendo e, em seguida, avaliá-lo para verificar se ele consegue ou não cumprir as tarefas que são desejadas. Então, não é suficiente e eu enxergo com o tempo mínimo de dois meses sendo suficiente para a formação do caçador. (Apêndice 1)

Existe também uma grande carência em nosso Exército sobre fontes de pesquisa nacionais e material em português sobre o tema caçador, necessitando de órgãos de pesquisa ou centros de estudo acerca do tema. Isso não só dentro do Exército Brasileiro, mas em âmbito nacional.

Todos esses fatores apontam para a deficiência atual do processo de formação e a possível oportunidade de melhoria que seria a criação da Escola de Caçadores, onde seriam ministrados cursos com tempo e atividades necessárias para se atingir os objetivos inerentes à atividade do caçador.

4.5.3 Problemas na formação

Segundo MERLIM (2018, p. 65), a formação esbarra em três problemas básicos: o número insuficiente de instrutores habilitados; a carência de material de apoio e de estruturas físicas adequadas nos C Mil A.

Existem oito Comandos Militares de Área. Logo, seriam transcorridos oito estágios em locais diferentes. A estrutura que poderia estar concentrada em um único lugar e atender todas as necessidades da formação, hoje se encontra dividida, ou seja, caso fossem construídas as

estruturas adequadas para todos os estágios setoriais, seriam gastos praticamente oito vezes mais instrutores, armamentos, equipamentos, campos de instrução e demais meios necessários.

Sabe-se, também, que estes estágios setoriais continuam ocorrendo por iniciativa das organizações militares (OM) e que, por vezes, não cumprem os requisitos técnicos necessários para formar o caçador, seja pela escassez de meios ou por falta de rigor técnico das instruções.

O Brasil possui centros de excelência, os quais possuem armamentos adequados para o emprego do caçador, estandes que suprem as necessidades das distâncias com segurança, instrutores qualificados, entretanto, não são em todos os quartéis que existem esses meios, o que torna o estágio de caçador um estágio desnivelado e, por vezes, ineficaz, apenas aperfeiçoando a técnica de tiro do militar, sem moldá-lo em um atirador de elite (ALBUQUERQUE, 2013, p. 18).

O estágio de caçador da AMAN possui uma doutrina sólida, que segue um programa-padrão (PP), fruto de muita pesquisa e que serve de base para os demais estágios. Comparando os métodos de ensino FERREIRA (2002, p. 10) aponta em seu relatório a superioridade didática de nosso, “Tendo-se como referência a *Sniper School*, o EB está muito avançado no seu sistema de ensino”.

No entanto, de acordo com MERLIM (2018, p. 65), alguns instrutores dos estágios organizados nos C Mil A não possuem os conhecimentos ensinados no estágio realizado na AMAN, fato que compromete a padronização das informações a transmitir. Essa questão fica evidenciada quando instruções não previstas no PP ou mesmo equivocadas são realizadas, não atingindo os padrões mínimos de desempenho. Instruções de avaliação de distância, por exemplo, limitam-se a um nível similar ao ministrado na instrução de acuidade visual e auditiva que integra a formação militar básica em vigor no EB.

Ainda sobre a capacitação dos instrutores, pode-se dizer que, seria desejável o emprego de caçadores com conhecimento prático sobre o assunto. Militares que participaram de missões na função de atirador ou observador poderiam agregar enorme conhecimento à formação dos novos caçadores.

O caçador é um multiplicador do poder de combate, altamente treinado e de baixo custo, utilizando basicamente seu sistema de armas, além de sua formação não depender de grandes centros tecnológicos. Dessa forma, o Exército, que opera um grande número de caçadores bem treinados, tem em suas mãos um enorme poder dissuasório, sendo essa, portanto, outra justificativa para a criação da Escola de Caçadores.

4.5.4 Vantagens da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro

Levando em consideração que a carência de material é um grande fator limitante da transmissão adequada dos conhecimentos, um esforço visando a aquisição de material traria benefícios imediatos na qualidade da formação. Mobiliar oito estágios setoriais é mais dispendioso do que a criação de uma estrutura única, além de se tratar de um custo relativo, tendo em vista o excelente custo benefício desse multiplicador do poder de combate.

[...] a médio prazo, o Exército poderia criar uma Escola de Sniper, o que não representaria gastos exorbitantes para a força, devido ao baixo custo de material e a simplicidade requerida pelas instalações. Cabe ressaltar que a formação básica do sniper, não importando seu emprego particular, deve ser centralizada. No modelo americano, tropas de montanha, *rangers*, forças especiais, etc, recebem treinamento na *US Army Sniper School*, e posteriormente, desenvolvem programas de treinamento específicos à sua atividade particular. Uma escola de sniper necessitaria em espaço físico uma área aproximada de 1000 m² para a construção de três ou quatro instalações, e um estande de tiro de 800 metros de distância, preferivelmente, próximo a um campo de instrução (FERREIRA, 2002, p. 16, grifo do autor).

O sistema de armamento composto por um fuzil AGLC com todos os acessórios mais luneta é vendido pela IMBEL a um preço aproximado de R\$ 21.000. Já os demais instrumentos podem ser encontrados no mercado civil, dando uma boa estimativa de preços. Uma luneta de observação custa cerca de R\$ 3000, um binóculo R\$ 1000, um telêmetro R\$ 1200 e um anemômetro R\$ 2200, totalizando R\$ 28.400 em material.

Todos estes equipamentos permitem o treinamento de uma dupla de caçadores. Sendo assim, o custo inicial para mobiliar corretamente um estágio para vinte instruídos, seria de aproximadamente R\$ 284.000, mais os gastos com instalações, munição e material de instrução. Logo, para a correta estruturação de um estágio setorial em cada um dos oito C Mil A, atinge-se a quantia aproximada de R\$ 2.272.000 apenas com equipamentos.

Muito mais vantajoso, porém, é a criação da Escola de Caçadores, que reunirá todos os meios necessários em uma estrutura única, fazendo com que todos os gastos levantados anteriormente sejam necessários uma única vez. Dessa forma, a escola atenderá a todos os C Mil A por meio de vários cursos ao longo do ano, formando o mesmo número de alunos de um sistema descentralizado de estágios setoriais, mas aproveitando com mais eficiência o material

relativo à formação do caçador, com custo aproximado de R\$ 2.272.000, estipulado anteriormente.

Aparentemente pode parecer muito, mas se comparado ao valor, apenas de construção de uma das 1.580 VBTP-MR Guarani encomendadas pelo Exército, que é de R\$ 3.644.076,17 (LUIZ PADILHA, 2016), o custo benefício de se formar e empregar caçadores na Força Terrestre é extremamente alto. Tomando por base relatos históricos em que uma equipe de caçadores foi capaz de conter uma companhia na Guerra do Vietnã, fica evidente seu elevado poder de fogo, efeito psicológico sobre o inimigo e seu grande poder dissuasório. O valor de duas ou três viaturas Guarani seriam recursos mais que suficientes para a construção e manutenção da Escola de Caçadores por um longo período de tempo, capacitando caçadores de alto nível através de um curso de excelência.

Além do benefício financeiro, uma estrutura única refletirá também em economia com campos de instrução, tendo em vista a baixa disponibilidade de estandes que permitam fazer o tiro entre 400 e 800 metros nos C Mil A, tendo em vista que essa estrutura é imprescindível para a adequada formação.

Pode-se observar, também, que a criação de um QCP para a Escola de Caçadores será capaz de reduzir a demanda por instrutores experientes em relação ao número necessários para suprir todos os estágios setoriais. Segundo FERREIRA (2002, p. 3), na US ARMY SNIPER SCHOOL, são previstos 20 militares, dentre oficiais e praças, que possibilitam a realização de um total de seis cursos com quarenta alunos cada ao longo de um ano. Considera-se, também, que reunir pessoal qualificado trará economia com manutenção do material, tendo em vista que estará nas mãos de militares experientes e qualificados, mantendo, assim, maior longevidade ao equipamento.

Por fim, outro fator preponderante está na uniformização do ensino do caçador no Exército, que seguindo um PP com um alto rigor técnico, trará a certeza que todos os instruendos formados estarão aptos a desempenhar plenamente as funções de um caçador. Dessa forma faz-se da Escola de Caçadores não apenas uma escola, mas um centro de evolução e aperfeiçoamento de doutrina, criando fontes de pesquisas nacionais e técnicas específicas ao nosso ambiente operacional.

5 CONCLUSÃO

A história é repleta de casos bem-sucedidos sobre emprego de caçadores. Trata-se de um multiplicador do poder de combate, altamente treinando e de baixo custo, por utilizar-se basicamente de seu sistema de armas e de sua formação não depender de grandes centros tecnológicos. Dessa forma, o exército que opera um grande número de caçadores pode multiplicar seu poder de combate e ter em suas mãos um enorme elemento dissuasório, ao passo que, as nações que os negligenciam se colocam em desvantagem e suas tropas se tornam vítimas desses atiradores.

Nosso país, por exemplo, se encontra em defasagem se comparado a outros exércitos, por vezes até menores que o nosso. O Exército Brasileiro conta hoje com uma sólida doutrina de emprego de caçadores, pautada em muita pesquisa e empenho de especialistas. No entanto, essa doutrina não é transmitida corretamente.

Por determinação do EME, a responsabilidade da formação dos caçadores foi repassada aos vários Comandos Militares de Área, visando principalmente a economicidade, em um primeiro momento, evitando a criação de uma escola, utilizando-se de instalações existentes nas diversas OM sede dos estágios setoriais, economizando tanto em termos de custo, quanto em estrutura e área.

Todavia, a medida vem se mostrando insuficiente na transmissão adequada dos conhecimentos mínimos necessários, gerando despadronização e falta de regularidade na realização dos estágios motivados por três problemas básicos: número insuficiente de instrutores habilitados; a carência de material de apoio e de estruturas físicas adequadas nos C Mil A.

Sabe-se que estes estágios setoriais ocorrem por iniciativa das próprias OM, fazendo com que não sejam atingidos os requisitos técnicos necessários para formar o caçador. Alguns instrutores dos estágios organizados nos C Mil A, por exemplo, não possuem os conhecimentos ensinados no estágio realizado na AMAN, fato que compromete a padronização das informações a transmitir, ficando evidenciada quando instruções não previstas no PP ou mesmo equivocadas são realizadas, não atingindo os padrões mínimos de desempenho. Instruções de avaliação de distância, por exemplo, limitam-se a um nível similar ao ministrado na instrução de acuidade visual e auditiva que integra a formação militar básica em vigor no EB.

A falta de meios é outro fator que interfere diretamente na transmissão adequada dos conhecimentos mínimos necessários para o desempenho da atividade. São comuns estágios do corpo de tropa em que não são utilizados o sistema de armas previsto ou, sequer, a realização das instruções em campos de tiro adequados. Com disparos limitando-se a distâncias inferiores a 400 metros.

Levando em consideração todos esses fatores limitantes, mobiliar oito estágios setoriais se torna mais dispendioso que a criação da Escola de Caçadores, que reunirá todos os meios necessários em uma estrutura única. Dessa forma, a Escola atenderá a todos os C Mil A através de vários cursos ao longo do ano, formando o mesmo número de alunos de um sistema descentralizado de estágios setoriais, mas aproveitando com mais eficiência o material relativo à formação do caçador, reduzindo a demanda de instrutores experientes e com a economia de campos de instrução, tudo isso a um custo menor.

A criação da Escola de Caçadores tornará possível, também, a criação de um curso que utilize a carga horária necessária para a transmissão adequada dos conhecimentos, tendo em vista que o atual período de duas semanas dos estágios setoriais se mostra insuficiente. Seguindo um PP com um alto rigor técnico, o curso trará uniformidade dos métodos de ensino, fazendo da Escola de Caçadores não apenas uma escola, mas um centro de evolução e aperfeiçoamento de doutrina, criando fontes de pesquisas nacionais e técnicas específicas ao nosso ambiente operacional.

REFERÊNCIAS

.308 WINCHESTER. Disponível em: <<https://www.lapua.com/cartridges/308-winchester/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Seção de Tiro. **Relatório Do 1º Seminário De Caçadores/Aman 2013**. Resende, RJ: AMAN, 2013.

ALBUQUERQUE, Daniel Souza de. **O Emprego Do Caçador Na Defesa Em Área Edificada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2018.

ALBUQUERQUE, Thiago Britto de. **Relatório de missão no exterior**. Porto Alegre: 2013.

ARMY SNIPER ASSOCIATION (Estados Unidos) (ed.). **História da Army Sniper Association: GUERRA COREANA**. 2020. Disponível em: <https://www.armysniperassociation.org/about/history/>. Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL. Exército. **CI 21-2/2: O Caçador**. 1. ed. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Exército. **IP 21-2: O Caçador**. 1. ed. Brasília, DF, 1998.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM – CI OP GLO. **RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO SETORIAL DE REESTRUTURAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DO CAÇADOR DE CORPO DE TROPA**. Campinas, SP: 28º BATALHÃO DE INFANTARIA LEVE, 2018.

COLOMBIA. Comando General de Las Fuerzas Militares de Colombia. Ministerio de Defensa. **En 7 cursos Escuela de Tiro ha entregado 240 Tiradores de Alta Precisión durante 2019**. 2019. Disponível em: <<https://www.cgfm.mil.co/es/blog/en-7-cursos-escuela-de-tiro-ha-entregado-240-tiradores-de-alta-precision-durante-2019>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

COLOMBIA. Fuerzas Militares de Colombia. Ejército Nacional. EJC 3-218: **Manual De Instrucción y Entrenamiento Tiradores de Alta Precision**. Bogotá, D.C., 2010.

DIGITAL SENTRY NIGHT VISION. Disponível em: <<https://www.bushnell.com/products/night-vision/ar-optics/ar-optics-night-vision-digital-sentry-monocular-2x28mm/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

DINIZ, Fernando. (Brasília). **SNIPER Origens - Desenvolvimento - Técnicas - Emprego atual**. 2005. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/sof/noticia/253/SNIPER----SNIPER---Origens---Desenvolvimento---Técnicas---Emprego-atual/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

ESTRATÉGIA Nacional de Defesa, 1. Ed. Brasília, DF, 2013.

FERREIRA, Guilherme Guimarães. **Entrevista sobre a necessidade da criação da Escola de Caçadores do Exército Brasileiro**. 20 Mai 2020. Entrevista concedida a Arthur Rafael Feliciano Mendes.

FERREIRA, Guilherme Guimarães. **Relatório De Curso Us Army Sniper School**. Resende, RJ: Aman, 2002. 17 p.

FERREIRA, Guilherme Guimarães. **Técnica de Tiro do Caçador. Caderno de Instrução**. Resende, RJ: AMAN, 2003.

FUERTE MILITAR TOLEMAIDA (Cundinamarca). Centro Nacional de Entrenamiento. Ejercito Nacional de Colombia. **Escuela de Tiro**. 2019. Disponível em: <https://www.cenae.mil.co/centro_nacional_entrenamiento/oferta_academica/escuela_tiro_397400>. Acesso em: 08 jun. 2020.

FUZIL DE PRECISÃO AGLC .308. Disponível em: <<https://www.imbel.gov.br/index.php/fuzis/95>>. Acesso em: 13 maio 2020.

HASKEW, Michael E. **Snipers nas Guerras: da Guerra de Independência dos Estados Unidos às Guerras Atuais** / Michael E. Haskew. – São Paulo: M.Books do Brasil, 2016. 216 p.

IMFDB. Disponível em: <http://www.imfdb.org/index.php?title=File:Remington_USR.jpg>. Acesso em: 22 maio 2020.

KESTREL 5700X WEATHER METER. Disponível em: <<https://kestrelmeters.com/collections/kestrel-ballistics/products/kestrel-5700x-weather-meter-with-applied-ballistics>>. Acesso em: 12 maio 2020.

LELIS, Camilo Inácio Cardoso. Sniper Urbano: Uma Visão Histórica E O Emprego No Combate Moderno. **Doutrina Militar Terrestre**. p. 30-37, Jun. 2018.

M2010 ENHANCED SNIPER RIFLE. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/M2010_Enhanced_Sniper_Rifle>. Acesso em: 22 maio 2020.

MARK 4 LR/T. Disponível em: <<https://www.leupold.com/scopes/rifle-scopes/mark-4-lr-t-10x40mm>>. Acesso em: 12 maio 2020.

MERLIM, Eduardo Roberto. **A Implantação de um Centro de Instrução de Caçadores no Exército Brasileiro**. Doutrina Militar Terrestre. p. 62-68, Jun. 2018.

MIL DOT. Disponível em: <<https://www.leupold.com/reticles/reticle-mil-dot-46>>. Acesso em: 12 maio 2020.

NOMAD 1050. Disponível em: <<https://mcs.trimble.com/products-and-solutions/nomad-1050>>. Acesso em: 12 maio 2020.

OLIVEIRA, Ramon Azevedo Soares de; ROSA, Elton da Silva. **Relatório De Missão No Exterior: curso de tirador de alta precisión**. Marabá, PA: 52º Bis, 2020. 8 p.

PADILHA, Luiz (Rio de Janeiro). Defesa Aérea & Naval. **Exército Brasileiro terá mais 1.580 VBTP 6x6 Guarani em quatro lotes**. 2016. Disponível em: <<https://www.defesaareanaval.com.br/naval/exercito-brasileiro-tera-mais-1-580-vbtp-6x6-guarani-em-quatro-lotes>>. Acesso em: 31 maio 2020.

POWerview 20X50 BINOCULARS. Disponível em: <<https://www.bushnell.com/products/binoculars/powerview/powerview-binoculars-20x50mm/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

RANGEFINDERS. Disponível em: <<https://www.bushnell.com/products/legend-1200-laser-rangefinder/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

SNIPER. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Sniper>>. Acesso em: 13 maio 2020.

SNIPERS AND SHARPSHOOTERS. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/en/weapons/noticia/20813/Snipers-and-Sharpshooters---Meproflight-Has-New-Night-Vision-and-Thermal-/>>. Acesso em: 22 maio 2020.

SPOTTING SCOPE. Disponível em: <<https://www.bushnell.com/products/spotting-scopes/trophy/trophy-xtreme-spotting-scope-20-60x65/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

STOCHERO, Tahiane. **DOPaz**: como a tropa de elite do Exército Brasileiro pacificou a favela mais violenta do Haiti / Tahiane Stochero. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 214 p.

STOCHERO, Tahiane. (São Paulo). G1. **Snipers defendem precisão para salvar vidas**: 'Acertar é única opção': Atiradores de elite do Brasil negam tensão em apertar o gatilho à distância. Filme 'Sniper Americano' mostra dilema de militar que matou 150 em guerra. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2015/noticia/2015/02/snipers-defendem-precisao-para-salvar-vidas-acertar-e-unica-opcao.html>>. Acesso em: 28 maio 2020.

UNITED STATES. Fort Benning. U.s. Army. **United States Army Sniper Course**. 2020. Disponível em: <<https://www.benning.army.mil/Infantry/199th/Sniper>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM TENENTE-CORONEL FERREIRA

20/05/2020

A entrevista foi realizada no dia 20/05/2020, o entrevistado foi Guilherme Guimarães Ferreira, o primeiro estrangeiro a se formar o *U.S. Army Sniper Course* e grande ator no desenvolvimento da doutrina de caçadores do Exército Brasileiro e idealizador da formação aos moldes que é realizada atualmente. A entrevista teve por objetivo obter respostas e sanar a carência de algumas informações, tendo em vista a escassa bibliografia sobre os assuntos apresentados na pesquisa.

1 Quando foi determinado pelo COTer a descentralização da formação e que cada Comando Militar de Área ministrasse seu próprio Estágio Setorial de Caçadores do Corpo de Tropa?

Não posso afirmar com certeza o ano. Mas creio que foi entre 2006 e 2007, considerando que Centro de Instrução de Operações Especiais faria um curso vocacionado para a atividade de operações especiais e os Comandos Militares de Área deveriam fazer estágios setoriais para as OM subordinadas.

2 Quais fatores motivaram esta medida?

A decisão foi tomada pelo Estado Maior do Exército e o Comando de Operações Terrestres. Entendo que economicidade deve ter sido um fator de decisão, pois não trouxe a necessidade da criação de uma escola, um curso ou algo que tivesse uma dimensão maior, tanto em termos de custo, estrutura, área. Dessa forma fez com que o conhecimento disseminasse mais descentralizadamente com o princípio da economicidade acontecendo.

3 Quais foram os pontos positivos desta medida para a formação?

Um ponto positivo, certamente, foi a disseminação do conhecimento. Se nós não tivéssemos um estágio estabelecido, certamente o conhecimento teria ficado retido nas OM que estariam desenvolvendo o assunto e, principalmente, na AMAN, que foi a pioneira e teve a iniciativa de conseguir fazer avançar bastante o desenvolvimento da doutrina, do estágio,

material e também e todos os aspectos que cercam esse grande trabalho. Mas entendo que colocando nos Comandos Militares de Área o assunto foi bastante divulgado e disseminado. Hoje nós observamos que em várias atividades militares o caçador está sempre presente, com o equipamento correto, com o fuzil de precisão, com a roupa ghillie e inserido em um contexto doutrinário e de emprego, mostrando que houve realmente essa disseminação por todo o Exército.

4 Quais foram os pontos negativos desta medida para a formação?

Certamente o principal ponto negativo é a não uniformização do ensino do caçador no Exército. Não há como, nas melhores condições, ter certeza que um militar que está sendo formado no Comando Militar do Sul, no estágio setorial, tenha a mesma formação de um militar do Comando Militar do Norte. Cabe destacar, também, que existem diferenças grandes entre as condições de realização de estágios. Refiro-me ao armamento, disponibilidade de armamento, de munição de precisão. Refiro-me, também, à disponibilidade de estande que permita fazer o tiro a longa distância, entre 400 e 800 metros. Normalmente, isso não é fácil de encontrar nos Comandos Militares de Área. A própria formação dos instrutores dificilmente chegará a um nível ótimo. Talvez um nível bom, já que não existe uma escola centralizada para isso. De uma forma geral, apesar de ganharmos na disseminação, perdemos na qualidade de ensino e na formação dos militares. O estágio na AMAN não pode acabar, com risco de se perder a massa pensante, enquanto outra unidade não assumir integralmente o que acontece na Academia.

5 Por que o estágio da AMAN e os demais estágios do corpo de tropa são ministrados dentro do período de duas semanas?

O estágio da AMAN foi uma adaptação necessária da escola de snipers dos Estados Unidos que ocorre em dois meses. O estágio da AMAN teve que sofrer uma adaptação, por janela de campo de instrução e período em instrução dentro da Academia, porque o estágio da AMAN não tem como ocorrer sem a coordenação do restante das atividades acadêmicas.

6 Esse tempo é suficiente para a capacitação de um caçador?

O estágio da AMAN passa muito mais o conhecimento e desenvolve pouco as qualidades do militar para forma-lo como um caçador. Entendo, sim, que o tempo é insuficiente, o tempo deveria ser de no mínimo dois meses. Com dois meses existe tempo, dentro de uma distribuição de uma carga horária, de ensinar a teoria, treinar e melhorar a qualidade do caçador em todas as qualidades do instruendo e, em seguida, avaliá-lo para verificar se ele consegue ou não cumprir as tarefas que são desejadas. Então, não é suficiente e eu enxergo com o tempo mínimo de dois meses sendo suficiente para a formação do caçador.

ANEXO 1 – TABELA DE GASTOS DO TAP

3. Logística y administración				
SERVICIO	SERVICIO PRESTADO	COSTOS		
		DIARIO	MENSUAL	BIMENSUAL
ALIMENTACIÓN CUADROS:	Desayuno - Almuerzo - Cena	\$ 13.000,00	\$ 390.000,00	\$ 780.000,00
	Hidratación desarrollo del curso y refrigerios.	\$ 3.000,00	\$ 90.000,00	\$ 180.000,00
ALIMENTACIÓN SOLDADOS	Desayuno - Almuerzo - Cena	\$8.009	\$240,270	\$480,540
VISITAS ACADÉMICAS y/o PRÁCTICAS		LUGARES		COSTOS
FASES DE DESARROLLO DEL CURSO		Escuela de Tiro (ESTIR) - Tolemaida		-
CONCEPTO		DESCRIPCIÓN	COSTOS	
COSTOS ACADÉMICOS:			-	
4. Equipo dotación de Intendencia por alumno				
No.	NOMBRE DE ELEMENTOS	CANTIDAD	UNIDAD	VALOR
1	Banderines	2	Unidades	121.000
2	Bolso para elementos de aulas	1	Unidad	13.200
3	Camiseta verde, manga larga estampada	2	Unidades	55.000
4	Camiseta negra, manga larga estampada	1	Unidad	27.500
5	Cuaderno	1	Unidad	6.000
6	Distintivo	1	Unidad	18.000
7	Diploma, Carpeta	1	Unidad	30.000
8	Moneda	1	Unidad	18.000
9	Presillas	1	Par	6.600
10	Toalla Grande Bordada	1	Unidades	38.500
11	Gorra Bordada	1	unidades	16.500
Valor Total				350.300

Fonte: FUERTE MILITAR TOLEMAIDA (2019).